

*De pó,
sangue
e palavra*



Editora Criação

Isaac Felício de Santana

DE PÓ, SANGUE E PALAVRA

AUTORIA

Isaac Felício de Santana

ISBN

978-85-8413-810-4

EDITORA CRIAÇÃO | CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Jodeylson Islony de Lima Sobrinho

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

DE PÓ, SANGUE E PALAVRA

A formação de um legado familiar comprovado
pela ciência e guardado no coração do sertão.



ISAAC FELÍCIO DE SANTANA



Criação Editora
Aracaju | 2026

Copyright 2026 by Isaac Felício de Santana

Grafia atualizada segundo acordo
ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

S232d Santana, Isaac Felício de
De pó, sangue e palavra: a formação de um legado
familiar comprovado pela ciência e guardado no
coração do sertão / Isaac Felício de Santana.- Aracaju,
SE : Criação Editora, 2026.

114 p.

E-Book

ISBN: 978-85-8413-810-4

1. Biografia. 2. Memórias. I. Título..

CDU: 929

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059



In memoriam de: José Felício da Silva,
meu Avohai, e Rosa Maria da Silva, que
me instruíram a ponderar antes de falar,
pois os mesmos acreditavam bastante no
poder da palavra.

DEDICATÓRIA

*De pó fomos feitos, de sangue nos unimos e
em palavra nos eternizamos.*

*Dedico esta obra aos que vieram antes de
mim, cujo suor umedeceu a terra e cujo
sangue desenhou a nossa história.*

*Às futuras gerações dos Camilo e Felício,
para que nunca se percam do chão onde a
nossa raiz germinou.*

*E a você, leitor, que ao caminhar por estas
memórias, sinta o chamado para desvendar
as suas próprias origens. Pois uma árvore
que desconhece a sua essência não suporta
as ventanias do tempo.*

À minha amada esposa, Iara.

Lembro-me de uma madrugada fria em Antas, lá em 2015, quando olhei para o meu jardim sob o silêncio das estrelas e me questioneei se era loucura sonhar e imaginar tanto. Eu escrevia para não me perder de mim mesmo, temendo me tornar um jardineiro infiel da minha própria essência. Naquela noite, em meio a dúvidas e reflexões sobre o tempo das sementes, das flores e da colheita, deixei escapar no papel uma verdade profética: “Antes do livro, a vida!”.

A vida precisava acontecer para que este livro ganhasse sentido. O tempo precisava agir. E a vida, em sua forma mais plena e perfumada, sorriu para mim quando você chegou.

Eu, que por tanto tempo caminhei com a mente inquieta, com questionamentos e uma certa excentricidade de quem busca os mistérios do mundo, me sentia como um verdadeiro “Menino Maluquinho”. Mas todo Menino Maluquinho tem a sua tampa da panela. E eu encontrei a minha em você. Não uma tampa que me abafa ou limita, mas aquela que se encaixa com tamanha perfeição que me dá o conforto, a liberdade e a coragem para ser exatamente quem eu sou. Sem disfarces, sem vazios.

Das tantas flores sobre as quais refleti naquela velha carta, você é aquela rara que respondeu com o olhar aquilo que as minhas palavras ainda não sabiam dizer. Você é o solo fértil onde escolhi plantar os meus melhores sonhos e o porto seguro que traz paz e equilíbrio para a nossa vida.

E ao nosso primeiro filho, a nova semente da Geração Camilo, Felício e Alves (de sua mãe). Que você chegue a este mundo com a certeza de que o seu telhado é feito de amor, fé e de uma história ancestral que o tempo não apaga! Que a sabedoria, a coragem e a luz que seus antepassados — como o do seu bisavô Josa — guiem sempre os seus passos!

Vocês são a minha maior colheita!

PREFÁCIO

Vidas Desarquivadas no Coração do Sertão

*Vagna Shirlei Felicio Santana**

A memória não é apenas um amontoado de lembranças repousando no silêncio do tempo, ela é a matéria-prima da nossa identidade. Como pesquisadora na área da Ciência da Informação e à preservação de memórias, dediquei grande parte da minha vida a entender como salvaguardar o passado. Quando me debrucei academicamente sobre a vida, a obra e o acervo de grandes ícones da nossa cultura, a exemplo de Dorival Caymmi, compreendi que a imortalidade de um homem reside no rastro que ele deixa e nas mãos de quem se dispõe a organizar a sua história.

No entanto, nenhuma pesquisa acadêmica, nenhum estudo sobre arquivos privados, e nem mesmo os anos dedicados à educação e à gestão pública, prepararam o meu coração para a imensurável emoção de ver a nossa história familiar ser eternizada. Sinta a magnitude da obra que você, leitor, tem agora em mãos. Escrever sobre memórias na sua essência mais pura é desarquivar vidas.

O autor deste livro é alguém a quem a vida me deu o privilégio supremo de amar não apenas como irmão, mas com o desvelo, o cuidado e a devoção de uma segunda mãe. Acompanhar os passos de Isaac sempre foi testemunhar

uma busca incessante pela profundidade. Se no seu ofício técnico ele aplica a ciência para perfurar o solo do sertão atrás das águas ocultas que dão vida à terra, nestas páginas, ele utiliza a coragem para perfurar o tempo. Assume a sagrada “faxina da alma” e nos conduz de volta à Fazenda Mari, resgatando o cheiro nostálgico que emanava da velha penteadeira de cedro. Com uma precisão cirúrgica e poética, Isaac nos devolve a sabedoria silenciosa, a resiliência e a fé inabalável do nosso avô Josa, o Carpinteiro da Luz. Ele imortaliza a doçura e a força da nossa avó Rosa, refazendo a longa travessia do nosso sangue desde as raízes históricas do patriarca Teles de Meireles, também trouxe reflexões que faz do nosso passado um farol ... transformando o pó das estradas, o sangue dos Camilo e Felício, e as palavras soltas ao vento em um monumento literário.

A todos que abrirem De Pó, Sangue e Palavra, faço um convite: entrem nesta casa de sentimentos com a alma descalça, permitam-se ser tocados por este resgate magistral e sintam a urgência de olhar para as suas próprias raízes, como este livro tão poeticamente nos revela: quando a grande cumeeira do tempo ameaça ceder, é a memória bem guardada que sustenta o telhado da nossa existência.

Boa leitura.

Vagna Shirlei Felicio Santana

Mestre em Ciência da Informação e, acima de tudo, irmã.

Vagna Shirlei Felicio Santana é Mestra em Ciência da Informação. Especialista em: Governo Digital; Planejamento e Política Estratégica; Gestão Educacional; Graduada em Pedagogia.

NOTAS DO AUTOR

A Jornada de um Homem de Fé e Palavra

De que forma você passa na vida das pessoas? Como as pessoas passam por sua vida?

O seu olhar imensurável tocava o nosso coração. Ele sabia falar, repreender, elogiar e amar através de um simples, porém complexo, olhar. O destino final desses olhares, eu tenho hoje como recompensa. Ao relembrar, a saudade diminui e a lonjura é vencida.

Estamos sob a prevalência de uma imposição existencial: O TEMPO. O filósofo alemão Martin Heidegger, em suas mais profundas reflexões, ensina que o ser humano não está simplesmente “inserido” nos dias que passam; nós somos o próprio tempo. Para Heidegger, é somente quando tomamos consciência da nossa finitude — daquilo que ele chamava de “ser-para-a-morte” — que despertamos para viver uma existência autêntica e cheia de sentido. A certeza do fim não é um peso, mas o que dá urgência e valor a cada instante presente.

O mais fascinante é perceber que a mesma verdade que a filosofia acadêmica levou livros para explicar, ele compreendia e resumia com a precisão de um sábio do sertão: “Estou de passagem comprada, só não sei quando o trem vai passar.”

Não temos mais o tempo cronológico e precioso que ele dedicava para contar histórias surreais, mas temos o tempo eternizado em nós: as palavras ditas, o silêncio guardado, as boas

lembranças e a emoção. E tudo isso faz com que ele sempre esteja presente em nosso meio.

Quando procuro o lugar onde esse tempo parou e se fez sagrado, meu pensamento viaja para a Fazenda Mari. Lá, o meu coração fez morada. Era um pedaço de chão onde a canção “Utopia”, do Padre Zezinho — que ele tanto gostava de escutar —, deixava de ser apenas uma música para se tornar a nossa realidade. Nos versos que cantam “Das muitas coisas do meu tempo de criança, guardo vivo na lembrança o aconchego de meu lar”, ecoa a exata definição daquela casa: um refúgio onde absolutamente todos se sentiam amados.

No fim da tarde, quando a lida acalmava e o sol se despedia, o momento mais sublime acontecia: a família se juntava para rezar o terço. Na Fazenda Mari nunca faltava nada, a fartura era uma graça constante, mas o banquete mais importante não estava sobre a mesa. O que realmente alimentava a alma era o sorriso farto, o olhar profundo de Josa e o respeito imenso que pairava sobre a família unida. Naquela roda de oração e afeto estavam ele e sua amada esposa Rosa, cercados pelos filhos, noras, genros e netos — num tempo doce em que a geração que hoje floresce ainda era apenas uma semente guardada para o futuro.

A jornada desse homem de fé e palavra nos ensinou que a vida é uma passagem ligeira, mas que o amor plantado no pó, regado pelo sangue e honrado pela palavra, enraíza e floresce para a eternidade.

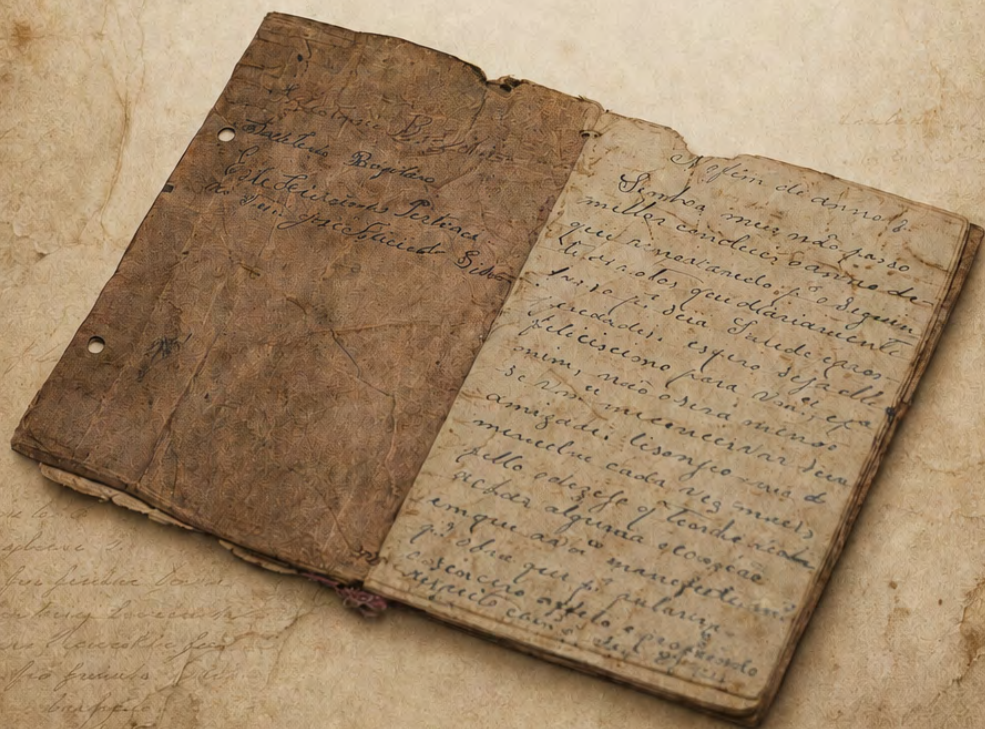
Sumário

PREFÁCIO		9
NOTAS DO AUTOR		11
CAPÍTULO I	O Altar de madeira: o legado descoberto	14
CAPÍTULO II	O homem além do tempo: o relógio da fé	21
CAPÍTULO III	A letra na areia e a voz no vento	27
CAPÍTULO IV	O amor conquistado: a honra sobre o altar	38
CAPÍTULO V	O legado das palavras vivas: a arquitetura da prece	44
CAPÍTULO VI	A herança da saudade: o exílio do patriarca	50
CAPÍTULO VII	O catecismo de Herculano e a química da fé	55
CAPÍTULO VIII	O perfume das rosas: a dor da ausência	60
CAPÍTULO IX	A raiz mais profunda: de Teles de Meireles a Isaac Felício	67
CAPÍTULO X	A travessia e a aldeia: a verdadeira origem dos Felício	77
CAPÍTULO XI	Raízes que sustentam gerações: o alicerce dos Camilo	82
CAPÍTULO XII	O enigma do nome e a força do sangue: os dois Josés	92
CAPÍTULO XIII	A casa Felício da Silva: de pó e amor	95
EPÍLOGO	A coragem da palavra: o jardim da saudade	102
POSFÁCIO	O Código Genético da Memória: a ciência confirma a tradição	107
AGRADECIMENTOS		112

CAPÍTULO I

O Altar de madeira: o legado descoberto

*Confessar, sem medo de mentir,
que em você encontrei inspiração
para escrever.*



*E*sob o embalo hipnótico da canção Trem Azul e a luz prateada que o luar derrama mansamente sobre o meu sertão que me debruço sobre estas memórias. Escrever, para mim, transcende o mero exercício das palavras; é um acerto de contas com o tempo, um abraço apertado na saudade de quem soube ser infinito.

Em 29 de março de 2012, uma quinta-feira de outono com o sol se inclinando às 15h, o relógio do nosso mundo pareceu suspender o ponteiro. Meu avô Josa, no alto de seus 96 anos, apresentou a sua passagem definitiva. Embarcou sereno naquele trem que não faz barulho nos trilhos de ferro, mas que apita e ecoa para sempre nas estações do coração de quem fica. Com sua partida física, depositou em minhas mãos a tarefa mais sagrada e doída: a “faxina da alma”. Era preciso organizar os fragmentos de uma vida inteira que repousavam adormecidos na Fazenda Mari.

Esse acerto com o passado começou diante de um móvel que não era feito apenas de madeira, mas de testemunhos. A velha penteadeira erguia-se majestosa, talhada na firmeza do cedro. Tinha um tampo de mesa robusto, sustentado por pernas caprichosamente torneadas, e abrigava uma única, porém vasta, gaveta. Coroando a peça, um espelho imponente de um metro e meio, abraçado por uma moldura delicada, refletia não apenas o quarto, mas as alegrias, os invernos e as rugas profundas de toda a nossa linhagem.

O primeiro encontro com aquele relicário não se deu pelos olhos, mas por um suspiro fundo. Ao puxar lentamente a

gaveta de cedro, o ar foi invadido por uma cápsula do tempo. Fui atravessado por uma nuvem invisível que carregava a própria essência daquelas vidas. Fechei os olhos e lá estava: o cheiro nostálgico do papel envelhecido fundindo-se, num abraço perfeito e cortante, ao aroma inconfundível e canforado da pomada Minâncora — aquele santo remédio que curava desde os arranhões da pele até as aflições do cotidiano.

No arame fino da memória, as fragrâncias foram despertando como fantasmas bons: o amadeirado forte do Malbec, o vidro azul escuro do perfume Biografia que pontuava os dias de festa, a doçura delicada da flor de gardênia e aquele cheirinho calmo de alfazema que abençoava os lençóis antes do sono.

A gaveta revelava uma divisão quase divina. De um lado, a poesia da vaidade sertaneja. Estavam ali o frasco clássico do Leite de Rosas, o pó de arroz e um batom de tom claro, gasto pelo uso cuidadoso. Avistei a inseparável Tinta Paquetá, cúmplice de uma vaidade encantadora que não aceitava o prateado dos fios — ela só permitiu que a neve do tempo pousasse definitivamente em seus cabelos depois de cruzar a fronteira dos 80 anos.

Era um desfile de belezas adormecidas: caixinhas guardando anéis, brincos, as tradicionais voltas de pescoço, broches, além de relógios e braceletes de um ouro que brilhava com o suor e a dignidade da história. Repousavam também as presilhas douradas e as de pedraria, que precisavam conver-

sar em perfeita harmonia com os colares e os brincos. Um esmero absoluto que só estaria verdadeiramente completo quando a cabeça recebesse a coroa de um belo chapéu.

Do outro lado daquela mesma gaveta, separado por uma linha invisível de absoluto respeito, habitava o sagrado. Ali estava um terço de rosas trazido diretamente de Fátima, em Portugal, por uma amiga da neta Vagna, perfumando a fé sertaneja com pétalas do velho mundo. Sob o peso de crucifixos, rosários, de um catecismo amarelado e de uma Bíblia de capa gasta pelas mãos que tanto buscaram conforto em suas páginas, repousava o verdadeiro tesouro daquela busca: o livrinho de anotações do meu avô.

Compreendi, naquele instante, respirando o pó, o perfume e a fé, que o móvel não era um objeto inanimado. Era um altar. Um sacrário de cedro. Lembrei-me do mandato de honra de Herculano, meu bisavô, que ao entregar a mão de sua filha Rosa em casamento, entregou também aquela peça com uma condição: "Cuide bem deste móvel que vem conosco há tantos anos; nela eu guardava a Sagrada Escritura. Façam o mesmo."

Por 72 anos, meu avô Josa obedeceu. A penteadeira tornou-se a sentinela inviolável da nossa fé, o baú sagrado onde a beleza da vida e a devoção dividiam a mesma madeira, e onde as preces eram depositadas em silêncio, muito antes de ganharem os lábios.

José Felício: O Carpinteiro da Luz e a Semente do Tempo

A Fazenda Mari sempre foi o epicentro do nosso mundo, o coração pulsante de onde nossa história se ramificou. O pó do sertão não guarda apenas as marcas das secas; ele é o ventre onde a nossa ancestralidade germinou. Ao desenterrar as raízes profundas dos Camilo e Felício, percebo que a nossa força é como a água que corre silenciosa sob a terra árida: invisível aos olhos apressados, mas vital para quem sabe onde cavar. Entender a nossa origem e ter a consciência exata de que Josa e Firmo brotaram daquela primeira semente — filhos de Prima Felício dos Santos (que passou a se chamar Prima Felício da Silva após casar-se com José Camilo da Silva) — é tocar na seiva mais pura de uma árvore que precisou ser extremamente firme para não quebrar com os ventos do destino.

Foi ali, sob a disciplina do sol, que o “exército” de Josa e Rosa — onze filhos que vingaram contra as intempéries — cresceu. O trabalho na roça não era apenas sobrevivência; era a concretização do peso e da honra dos nossos sobrenomes. Em sua essência, meu avô ecoava a figura de outro José, o carpinteiro de Nazaré. Homens simples, guardiões silenciosos de grandes legados. Josa foi um desbravador, um caixeiro-viajante que costurava os longos caminhos poeirentos entre Feira de Santana e Antas. Naquelas viagens épicas, ele nos ensinou a sua primeira grande lição: a resiliência forjada no silêncio. Dormindo em galhos de árvores para escapar das onças, alimentando-se de carne de jabá e transportando a água do próprio sustento em cabaças, ele prova-

va que a verdadeira força de um homem não está no alarde, mas no trabalho constante.

Guardo viva a “sinfonia” da minha infância ao seu lado. O som do arco de pua perfurando a madeira, o golpe firme da enxó desbastando as arestas e o escopo abrindo pacientemente os encaixes compunham a melodia dos meus dias. Ele moldava a vida com as mãos calejadas, unindo a tradição ao progresso de forma magistral. Numa época em que o breu isolava as fazendas, Josa trouxe a luz e a geladeira a gás, desafiando a escuridão. Ele nos ensinou que honrar as raízes não significa estacionar no tempo; é possível ter os pés sujos do pó da terra e, ao mesmo tempo, ser o portador da luz que transforma o futuro.

Mas de todos os seus inventos, a Fazenda Mari foi a sua maior obra-prima. Foi o seu grande e eterno jardim, a nossa verdadeira utopia. Lá, aprendemos que a fartura mais valiosa de uma vida não se pesa em balanças. Ela se mede na paz dos fins de tarde, no murmúrio sagrado do terço rezado em roda. A grande lição de Josa sobre o sucesso era simples: construir um refúgio onde absolutamente todos se sentissem amados e respeitados.

O seu olhar imensurável, que em um único instante dizia tudo o que as palavras não sabiam explicar, nos deu a consciência exata do tempo. Josa dizia ter a passagem comprada, sem saber quando o trem iria passar. Quando esse trem partiu, ele não deixou nos trilhos um vazio; deixou um mapa.

Essa luz, que um dia espantou as trevas da Fazenda Mari, é a mesma que agora ilumina estas páginas. Ser herdeiro de Josa, o Carpinteiro da Luz, é ter a certeza de que somos as sementes daquele amor rústico. É saber que fomos plantados em solo fértil, prontos para florescer sob o telhado de nossas próprias famílias, honrando, para sempre, o pó, o sangue e a palavra.

CAPÍTULO II

O homem além do tempo: o relógio da fé

*Suas anotações pessoais, meticulosamente datadas
nas páginas que resistiram ao tempo, revelam esse
homem com um profundo senso de identidade*



Existiu um homem simples que, pela imensidão de seu amor, guardava em si um pouco de Deus. Pela constância inabalável de sua dedicação, agia com a entrega silenciosa de um anjo. Sendo moço, pensou com a sabedoria ponderada de um ancião; e ao envelhecer, agiu com a força indomável da juventude. Quando o mundo, em sua pressa, o julgava um ignorante, ele, melhor do que qualquer sábio letrado, desvendava os maiores segredos da vida. Obrigado, Deus, por nos conceder a graça da convivência com esse teu servo.

A rotina de fé do meu avô não era um simples hábito; era uma estrutura tão pontual, sagrada e inabalável quanto o próprio movimento do sol. E esse relógio espiritual não era apenas uma observação distante, mas a verdadeira trilha sonora da minha infância.

Eu dormia em uma rede que cortava a sala ao meio. Daquele balanço suspenso, imerso no escuro, meus olhos de menino ficavam sempre vigilantes, fixos na fresta da porta do quarto dele. Pontualmente às quatro horas da manhã, a madrugada era preenchida pelo som manso do seu despertar e pelo sussurro inconfundível de suas orações — dentre elas, o Ofício da Imaculada Conceição. Aquele murmúrio sagrado era o meu chamado. Assim que ele se levantava, eu pulava da rede com os pés descalços no chão frio de ladrilho e me tornava a sua pequena sombra.

Nossa primeira missão era despertar o ventre da casa: o fogão a lenha. Era um momento de cumplicidade que beirava a al-

químia. Nós tirávamos as raspas de madeira e acomodávamos as cinzas mornas que restavam da véspera, moldando um pequeno “tanque” no centro. Ali, depositávamos um fio de óleo e, com o cuidado de um artesão preparando uma obra sagrada, arrumávamos as lascas e a lenha mais grossa ao redor.

Enquanto as primeiras chamas miúdas começavam a lamber a madeira e o fogo ganhava vida estalando no silêncio, meu avô Josa colocava uma chaleira de ferro com água para fazer o café. Depois, ele seguia para o depósito para moer o milho que descansava de molho desde o dia anterior, exalando aquele aroma azedinho e fermentado de promessa de pão. Era a minha deixa para rasgar a neblina da madrugada e correr depressa até o curral para buscar o leite fresco com o Tio Eronias.

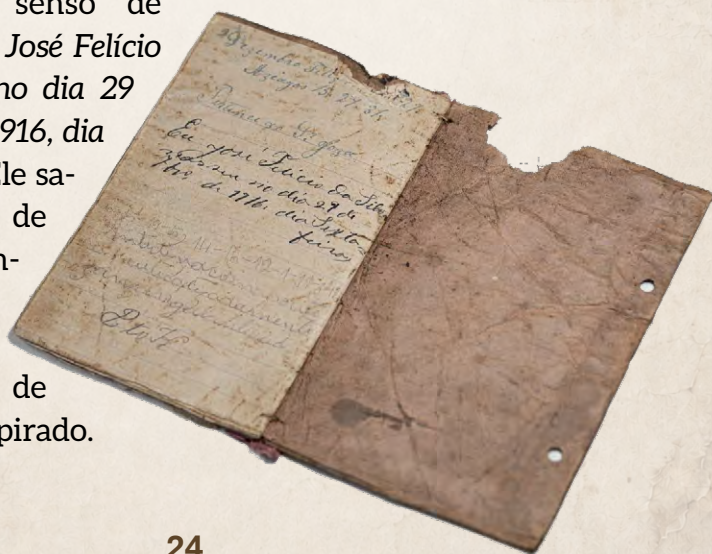
O caminho até lá era uma explosão para os sentidos, a verdadeira respiração da Fazenda Mari. A manhã me envolvia com o cheiro rústico da fumaça de lenha que já começava a subir pela chaminé, misturado ao frescor úmido da relva verde pisada pelas botas. Ali, no curral, o vapor quente do leite recém-tirado se fundia ao cheiro forte e cru do esterco e da terra molhada. Para quem é de fora, poderia parecer rudeza; para mim, era o perfume puro, autêntico e pulsante do sertão despertando.

Ao voltar para a cozinha trazendo o leite espumante, o ar já estava completamente tomado pelo aroma doce da massa de milho. Lado a lado, sob a luz alaranjada das chamas,

eu e meu avô peneirávamos a massa com paciência. Logo o cuscuz amarelo fumegava no prato, e o seu cheiro reconfortante abraçava a casa inteira, servindo como um sino silencioso para que todos se achegassem ao redor daquela mesa. Naquela comunhão matinal, iluminada pelo fogo e pela união, por volta das cinco da manhã, a mesa se desfazia. Cada um seguia o seu caminho, levando o corpo forte e o espírito alimentado para enfrentar a labuta na roça, enquanto minha avó Rosa cuidava do seu jardim encantador.

Esse era apenas o amanhecer do seu relógio. A casa e a terra eram guiadas por ele. Josa recitava o *Angelus* ao meio-dia, sob o peso do sol a pino, e, às dezessete horas, contemplava o ocaso, entregando o seu suor e a sua família a Deus. Às dezoido horas, o terço na sala selava o dia. Para ele, a fé era a verdadeira viga mestra que sustentava o teto da nossa existência.

Suas anotações pessoais, meticulosamente datadas nas páginas que resistiram ao tempo, revelam esse homem com um profundo senso de identidade: “Eu, José Felício da Silva, nasci no dia 29 de setembro de 1916, dia de sexta-feira”. Ele sabia exatamente de onde vinha, compreendia a raiz de quem era e pesava o valor de cada minuto respirado.



O que mais me impressiona, no entanto, é a delicadeza que morava naquelas mesmas mãos rústicas, calejadas pela madeira, pelo cabo da enxada e pelas cinzas do fogão. No seu caderninho, encontrei rascunhos de cartas: “A um professor”, “A um protetor”, e a uma tia e madrinha, Deta, a quem ele se dirigia com muita doçura, expressando o amor e o cuidado por ela e por seu irmão Firmo, a ponto de chamá-lo carinhosamente de “mô bem”. Eram palavras minuciosamente arranjadas, escolhidas com o cuidado cirúrgico de quem entende o poder curativo de uma amizade sincera. Ele era um verdadeiro cartógrafo de afetos, traçando o mapa de gratidão que sustentou sua jornada.

É exatamente ao reviver esse cheiro de fumaça, ao sentir novamente o toque do milho peneirado e ao folhear essas cartas antigas que encontro o alicerce do meu próprio autoconhecimento. O meu lugar de construção no mundo — a engenharia do meu «eu» — nasceu da observação diária dessa disciplina invisível. Hoje, no meu ofício, quando aplico a ciência exata para descer às profundezas da terra em busca de águas ocultas, ou quando leio a necessidade do solo para nutrir uma nova plantaçao no tempo certo, percebo que a minha precisão técnica é apenas um reflexo da precisão espiritual dele.

Todo o meu saber profissional — seja na estruturação métrica de projetos ou na compreensão dos ciclos da natureza — seria absolutamente vazio se não estivesse ancorado no relógio da fé que herdei de Josa.

Compreendi que o cuidado analítico que tenho hoje em observar o gotejar da água ou o enraizar de uma semente é a mesma devoção que ele tinha ao arrumar as lascas de lenha e ao dobrar os joelhos às quatro da manhã.



Ele mapeava os céus, as amizades e a gratidão; eu aprendi a mapear a terra, a hidráulica e as estruturas. Mas o nosso norte sempre foi o mesmo. O homem além do tempo me ensinou que, seja na aridez do solo ou na complexidade da vida, a verdadeira colheita só floresce para quem sabe respeitar o compasso da natureza e o ritual diário de cuidar do que é sagrado.

CAPÍTULO III

A letra na areia e a voz no vento

*A letra riscada no pó virou palavra solta no
vento, e a palavra construiu a história de um
homem que nunca aceitou a escuridão.*



 ano era 1932, e o sertão não costumava perdoar os primogênitos. O tempo não era medido no ponteiro do relógio, mas no arco que o sol fazia no céu e no tamanho da sombra projetada no chão castigado. Camilo, no entanto, era um homem que enxergava além da cerca de sua propriedade. Inconformado com a escuridão da ignorância que rondava aquelas brenhas, mandou buscar lá nas bandas de Salvador uma professora de modos finos e fala mansa, com a missão sagrada de letrar a sua prole.

Na casa grande, a sala improvisada ganhava ares de escola. Podia-se ouvir, de longe, o coral das crianças repetindo o som das vogais. Mas para Josa, a cantilena do aprendizado soava como um eco distante. Por ser o filho mais velho, o peso das responsabilidades lhe caía sobre os ombros com a força de uma canga. Seu trabalho era dobrado; a enxada, o trato com os animais e a labuta não lhe davam trégua para sentar num banco de madeira e olhar para o quadro-negro. O sol lhe roubava as horas, e o suor lhe cobrava o preço do sustento da família. Josa não tinha tempo para ser aluno de dia.

Mas Josa tinha a teimosia dos que nascem para ser grandes. Quando o dia finalmente morria e o sertão amansava no silêncio da noite, ele não se entregava ao cansaço dos ossos. Esperava que o clarão da lua alta varresse o terreiro, tingindo o mundo de prata. Ali, ajoelhado no chão de terra, a mágica acontecia.

A areia fofa, que de dia era poeira a castigar os olhos, de noite virava papel. Com o dedo grosso e calejado da lida bruta,

Josa tateava o chão. A memória tentava repescar os rabiscos que vira de relance ou as lições que escutara da porta para fora. Com a precisão de quem planta uma semente, ele começou a riscar o chão.

Um risco para baixo, outro para encontrar na ponta, um corte no meio. O “A” ganhava forma como o telhado de um rancho. O “O” era a boca do poço. E assim, no compasso do grilo e sob o olhar de Deus e da lua, ele desenhava, apagou e refez, noite após noite, os vinte e três sinais gráficos que formavam o abecê.

Enquanto o vento frio da madrugada tentava desmanchar sua lousa de areia, Josa gravava o alfabeto não apenas no chão, mas na própria alma. Ali, no pó e no silêncio, nascia a sua primeira grande vitória. Ele não sabia ainda, mas aquele menino que escrevia no escuro estava apenas afiando as ferramentas que, anos mais tarde, usaria para decifrar os enigmas dos homens, das negociações e do mundo.

O Peso do Verbo e a Dúvida na Feira de Negócios

Os anos engrossaram a voz e os calos de Josa, mas não aplacaram aquela sede antiga que o fazia riscar a areia sob o luar. Na mocidade, o mundo se alargou para além das cercas da fazenda quando passou a acompanhar o pai, Zé Camilo, nas comitivas que rasgavam o sertão rumo a Feira de Santana. A estrada era uma escola de poeira, cascos e suor.

No lombo dos animais e nas paradas de descanso, Josa era o silêncio em pessoa. Falava o estritamente necessário. Onde

os outros viam apenas comércio de gado, couro e prosa fiada, ele via uma vitrine da natureza humana. Seus olhos, sempre miúdos e atentos, absorviam a feira inteira. O balouçar das cabeças, o aperto das mãos, o tom de voz nas pechinchas — nada escapava à sua observação.

Foi no burburinho de uma dessas negociações que o destino lhe preparou uma armadilha em forma de palavra.

Zé Camilo era um homem de imenso respeito. O grande provedor, o patriarca que garantira a professora para os filhos e a fartura na mesa. A palavra do velho era lei e escritura, inquestionável. Quando um parceiro de negócios perguntava, em meio ao rebuliço das mercadorias: *“Você trouxe quanto, Zé Camilo?”*, o pai, arrimado na linguagem que herdara dos seus, respondia com a voz firme: *“Truve tal valor”*. E assim se seguia o falar da tropa nas conversas informais: *truve, truxeram*.

Para Josa, aquilo era o som seguro da sua origem. A língua de seu pai era a língua da verdade, a fundação do mundo que ele conhecia.

Mas a feira era um rio onde desaguavam gentes de todo canto, e as palavras se cruzavam no ar como moedas soltas. Certa feita, encostado num palanque, apenas prestando atenção à movimentação, Josa ouviu um rapaz fechar um negócio logo ao lado. O moço, no calor da barganha, não disse *truve*. Disse, com todas as letras e sem o menor tropeço: *“trouxe”*.

A palavra caiu nos ouvidos de Josa feito uma pedra jogada num poço fundo, levantando uma poeira de inquietação que ele não soube explicar de imediato. A mente do rapaz, acostumada a destrinchar os mistérios do abecê na terra fofa, começou a revirar o verbo. Era o verbo *trazer*. Um verbo arisco, irregular e cheio de caminhos tortos, cujos radicais mudam à vontade, enganando a língua dos desavisados: traz, trag, trar e o temido trouxe. Onde tantos escorregavam na tentativa de acertar, aquele estranho havia cravado a pronúncia exata.

Ali, no meio do cheiro forte de gado e do barulho das trocas, Josa viveu seu primeiro grande dilema intelectual. Um conflito que não era de faca nem de posse de terra, mas de alma. A balança de sua mente pendia perigosamente: em quem confiar? No pai que amava, o homem que o criou, educou a família e lhe servia de bússola moral para todas as coisas da vida? Ou na norma de outros negociantes, na voz daquele rapaz que soara com uma precisão que Josa, em seu íntimo, reconheceu como inabalável?

Se o certo era *trouxe*, então Zé Camilo, seu grande herói e referência, cometia um erro? A constatação pesou. Josa percebeu, naquele instante de silêncio observador, que o alfabeto que desenhara na areia era apenas a chave do portão. A estrada do conhecimento exigiria muito mais. Exigiria desvendar os sons, domar as irregularidades dos verbos e, principalmente, ter a sabedoria de separar o amor que sentia pelo pai do rigor que a língua portuguesa exigia. O *trouxe* vencera o *truve*, mas o respeito pelo pai permanecia intacto.

As Ondas Que Encurtaram o Mundo: O Encontro com a Voz

A poeira das estradas já não era a única forma de trazer o mundo para dentro de casa. A salvação do isolamento chegou numa caixa de madeira e metal: um rádio a pilha da marca Campeão.



Quando aquele aparelho mágico chiou pela primeira vez na Fazenda Mari, as distâncias encurtaram. E, dentre todas as vozes que cruzavam os ares e invadiam a sala, uma fogueou a atenção de Josa: o Professor Silva Lima, radialista de mão cheia da rádio Liberdade de Sergipe.



Para Josa, que um dia tateou as letras na areia fria, ouvir o professor era sentar-se na primeira fila de uma escola invisível. A voz eloquente de Silva Lima tornou-se companhia diária, um mestre que falava de longe para o coração de quem tinha sede de saber.

O destino, que adora tecer seus próprios caminhos, usou retalhos para promover um encontro.

Rosália, filha de Josa, já mostrava seu tino para o comércio. Feirante de mão cheia, mantinha uma pequena loja de tecidos ali mesmo na fazenda. O fornecedor era um mascate que vinha das bandas de Aracaju. Certo dia, entre o desenrolar das peças de chita e tricoline, a prosa correu solta e Josa não poupou elogios ao professor Silva Lima. Falou da admiração que tinha pelo domínio das palavras e pela inteligência do radialista.

O mascate, ouvindo aquilo, soltou uma gargalhada farta. Bateu no peito e revelou o inesperado: era amigo de longa data do professor. Diante da surpresa da família, fez uma promessa que soou como bravata de vendedor: na próxima viagem, traria o famoso Silva Lima para um almoço na Fazenda Mari.

Quando o mascate partiu, a preocupação tomou conta da casa. Rosa, com o zelo de quem conhece as limitações da roça, questionou o marido: “Josa, você perdeu o juízo? Trazer um professor de Aracaju, um homem famoso do rádio, para o meio da fazenda? Nós vamos oferecer o que de banquete para dar a esse homem?”

Josa, com a calma dos rios mansos, não titubeou. Apoiado na sabedoria de quem sabe o próprio valor, respondeu: “O mesmo almoço de sempre, Rosa! Onde come Chico, come Francisco, come também o professor Silva.”

E o mascate cumpriu a promessa. No dia marcado, a figura ilustre do Professor Silva Lima apeou na Fazenda Mari. A mesa farta do sertão os esperava: o feijão de corda, a carne de sol, a farinha boa, doce de leite e o calor da hospitalidade. Mas o verdadeiro banquete daquele dia não serviu ao estômago, e sim ao espírito.

Durante o almoço, a conversa fluiu como água de nascente. Silva Lima esperava encontrar apenas um ouvinte fiel, um matuto deslumbrado com o rádio. Encontrou, porém, a mente afiada de Josa. Falaram sobre as notícias do mundo, os mistérios do vocabulário, o peso das palavras e a lida da vida. Josa, o homem silencioso da feira, revelou-se um pensador profundo.

O professor ficou fascinado. O homem do rádio, acostumado a falar para milhares, agora ouvia, encantado, a sabedoria daquele sertanejo que se alfabetizou com a luz da lua. A troca de ideias foi tão rica, a prosa tão bem amarrada, que as horas sumiram. Silva Lima sentiu que, naquela casa de chão batido e simplicidade, habitava uma inteligência rara.

A visita se estendeu. Só deram conta do tempo quando o sol começou a pender e as sombras dos juazeiros já se alongavam pelo terreiro. Eram por volta das 17 horas — tarde

da noite para os costumes de quem acorda com a madrugada —, quando o professor finalmente se despediu. Partiu deixando a promessa de que aquilo não era um adeus. Voltaria, com toda a certeza, para uma visita mais demorada, pois ali havia encontrado mais do que um ouvinte: havia encontrado um amigo de prosa fina.

O Sertão Conectado: A Voz, a Fé e a Imagem

A visita do Professor Silva Lima deixou marcas profundas na Fazenda Mari. Se a noite, na juventude de Josa, fora sua única escola, na maturidade o dia ganhou hora marcada para a erudição. As onze e meia da manhã tornaram-se um horário sagrado. O trabalho podia estar pesado, o sol a pino castigando o lombo do gado, mas aquele momento era intocável.

Ao redor do rádio Campeão, Josa e seus filhos se reuniam para um ritual de descoberta. Certificavam o significado e a pronúncia das palavras, polindo o vocabulário com o zelo de quem garimpa ouro. A ousadia era tanta que, pelas ondas sonoras e com o auxílio distante do radialista, arriscavam-se até a desbravar aulas de inglês. O sertanejo que um dia duvidou do verbo trazer, agora conjugava os sons do mundo.

O rádio também ditava o compasso cívico e espiritual da casa. Quando a noite caía e o relógio marcava sete horas, o silêncio imperava para que soassem os acordes de A Voz do Brasil. Josa era um ouvinte assíduo daquele programa que,

desde os tempos de Getúlio Vargas em 1935, interligava os rincões do país. Através daquele som obrigatório, ele acompanhava os passos da República, as leis e os caminhos da nação, unindo o sertão aos Três Poderes.

Mas se a noite de semana era do Brasil, a manhã de domingo pertencia a Deus.

Às sete da manhã, não havia desculpa que tirasse a família da sala. Era o momento de acompanhar a missa celebrada por Dom Luciano Mendes de Almeida. A voz serena do arcebispo preenchia a casa, e Josa, de cabeça baixa e fé inabalável, acompanhava cada prece. Para ele, a regra era clara e dita em alto e bom som: “Domingo sem missa era semana sem graça”.

O progresso, contudo, não se contentou em trazer apenas vozes. Tempos depois, Josa seria o pioneiro, o primeiro homem da região a fincar uma antena de televisão no terreiro de casa. E não era uma antena qualquer: era uma estrutura descomunal, erguida para os céus e firme por um trançado de arames estaiados que cortavam o vento.

Como a eletricidade ainda era uma promessa distante, a energia vinha do próprio sopro da natureza. Um imponente catavento rodava implacável, transformando a força do vento na magia que fazia a tela acender. E a magia ganhou cores graças à engenhosidade de Tio Zé Eronildes, que, não se conformando com o preto e branco da vida, comprou um vidro especial, uma lente colorida que se encaixava na

frente da tela. O mundo, de repente, ganhava tons avermelhados, esverdeados e azulados na sala da Fazenda Mari.

Josa olhava para aquela tela mágica, para os filhos sentados ao redor, e sabia que havia vencido. Aquele menino que não teve tempo de frequentar a sala de aula da professora vinda de Salvador, que tateou as letras na areia fria da noite, construiu um mundo novo. Ele fez questão de que seus próprios filhos não precisassem da luz da lua para aprender a ler. Contratou uma professora e lhes deu a base que um dia lhe faltou.

A letra riscada no pó virou palavra solta no vento, e a palavra construiu a história de um homem que nunca aceitou a escuridão.

CAPÍTULO IV

O amor conquistado: a honra sobre o altar

*Lado a lado, eles plantaram suas sementes e
construíram um verdadeiro império de afeto
sustentado por valores inabaláveis.*



Naquele tempo, os casamentos eram frequentemente arranjados, seguindo a tradição e as conveniências sociais. Josa conheceu essa engrenagem de perto. Seu coração já havia batido forte por Regina — uma paixão que a obediência o obrigou a silenciar. A família da noiva combinou que a festa do casamento de Regina e Josa aconteceria na casa de seu pai, José Camilo.

O destino, porém, tinha outros planos. No dia do casamento, a noiva exigiu que a festa fosse em sua casa, e não na de José Camilo, o futuro sogro. O anfitrião não cedeu, pois era um homem de poucas palavras e decisões firmes. O impasse serviu de pretexto: Josa foi abandonado no altar. A vergonha foi imensa, mas seus amigos transformaram o fracasso em festa na casa de seu pai. Comeram e beberam felizes, pois um mau casamento não se concretizara e a honra de um homem permanecera intacta.

A Coragem de um Homem Apaixonado

Desacreditado, Josa lutou incansavelmente por um novo amor. O “tempo das esperas” foi um período de silêncio denso e de cartas que voltavam pelo caminho poeirento, trazendo as duras recusas de outras moças. Mas ele era feito da madeira de lei que ele próprio desbastava: enfrentou cada obstáculo de cabeça erguida, sem permitir que a amargura secasse a sua alma. Até que, finalmente, a luz rompeu a escuridão e a resposta tão esperada chegou grafada em palavras.

Camilo, com o peito estufado de orgulho pela resiliência inabalável de seu filho — a mesma firmeza forjada na sua linhagem primogênita —, vestiu-se de respeito e falou a Josa:

— Vá à Fazenda Saco do Mel, na casa de Herculano, que ele tem duas moças boas de casar: Rosa e Maria. Diga a ele que estou pedindo a mão de uma de suas filhas em casamento para você.

Herculano chamou as filhas para cumprimentá-lo e as apresentou:

— Esse rapaz é filho de Zé Camilo e veio pedir uma de vocês em casamento.

Maria era encantadora, muito bonita, de cintura afinada. Porém, quando Josa ouviu a voz de Rosa, seu coração acelerou. Herculano, percebendo o interesse, dirigiu-se à filha:

— Esse rapaz tem interesse de se casar com você, Rosa. É de família de procedência boa, é dos Felício e Camilo.

Diante da figura imponente do pai, Rosa, com a imaturidade e o frescor dos seus 17 anos, baixou a cabeça. E, com uma honestidade brutal que arrancaria sorrisos e ficaria cravada para sempre na história de nossa família, proferiu a sua sentença:

— Meu pai, com muita sinceridade, ele é feio e tem a boca aparrada no queixo... mas se for do seu agrado, eu aceito.

Aquele “sim” por obediência, contudo, precisava do tempo da semente para quebrar a dormência. Era o prazo de uma semana para que o seu futuro sogro viesse oficializar o pedido. Rosa, aos poucos, foi amadurecendo a ideia. Começou a enxergar muito além das feições rústicas e descobriu o homem honrado, de coração gigante e estrutura inabalável que se escondia por trás da fisionomia matuta. O “sim” do desagrado virou o “sim” da alma. Assim, após os seus seis meses de noivado, estavam na Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Cícero Dantas, na presença de Deus, de seus familiares e do Padre Renato Galvão. Celebraram o seu matrimônio.



FOTO HISTÓRICA DO IBGE (1957)

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho – Cícero Dantas, BA

Foi no auge desse triunfo, tocado por um sentimento que não cabia no peito, que o carpinteiro rude transformou-se em poeta.

Ao fechar os olhos hoje e ler com a alma os versos deixados por ele, sou instantaneamente transportado. É possível reviver a cena com a nitidez de uma pintura: Josa chegando à beira do tanque, montado em seu cavalo, o sol castigando os ombros protegidos pelo chapéu de baieta. Ele está com sede. Mas não é a garganta seca de poeira que o castiga; é a sede da alma, o peito que pulsa, que grita e que arde por um grande amor. Ele desce do cavalo no mais absoluto silêncio. Com as mesmas mãos rústicas e calejadas que moldavam a aroeira e dominavam o arco de pua, ele se inclina e afasta delicadamente o golfo verde que cobre a superfície. Ao retirar o chapéu, Josa depara-se com o próprio reflexo no espelho da água cristalina. Ali, o homem duro do sertão encontra o próprio coração mole. É um diálogo visceral consigo mesmo.

Naquele instante refletido na água, ele compreendia a poesia que só muito tempo depois eu conseguiria colocar em palavras numa noite fria: o amor exige contemplação. Rosas são como as pessoas; algumas são solitárias, outras chamam a atenção por seus minuciosos traços e pelo perfume marcante que provocam sentimentos irreversíveis. Ele ansiava pela sua Rosa. Como o jardineiro fiel que não teme a ausência de palavras, ele sabia que a vida nem sempre fala, mas que era preciso dar tempo para a flor desabrochar. Eu cheguei a me questionar se era loucura sonhar e imaginei como seria se uma rosa pudesse simplesmente me dizer um “sim” ou um “não”; Josa, à beira daquele tanque, vivia a exata angústia e a glória de quem finalmente ouviu esse “sim” da mulher que seria a flor mais importante do seu jardim.

E olhando para as profundezas da água, temendo mergulhar e se perder no abismo do próprio sentimento, a poesia de Josa transbordou:

*"Mas não bote seus olhos na água,
São pesados e vão ao fundo.
Não procures outro amor
Em que viver nesse mundo.
Eu vivendo sempre assim,
Na futura esperança,
Espero que de ti alcance
Seres firmes para mim,
Seres constantes enfim.
Pois meus desejos são profundos,
Eu sofrendo neste mundo
Tanta pena, tanta mágoa,
Para não se afundares,
Não bote os olhos na água."*

Em 13 de novembro de 1940, sob as bênçãos da Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Cícero Dantas, as águas se acalmaram e Josa e Rosa finalmente se casaram. Lado a lado, eles plantaram suas sementes e construíram um verdadeiro império de afeto sustentado por valores inabaláveis.

Deixaram para as gerações que se seguiram a mais bela de todas as lições: a de que o amor verdadeiro e duradouro não precisa de molduras estéticas perfeitas. Ele precisa apenas de um solo fértil, de atitudes firmes, da sabedoria do tempo e da coragem irrefreável de um homem apaixonado para seguir o seu próprio coração.

CAPÍTULO V

O legado das palavras vivas: a arquitetura da prece

*Há muito que não Te escrevo. Não é por falta de
tempo nem por desleixo, muito menos por autossuficiência.*

Quero tentar escrever uma oração sincera.



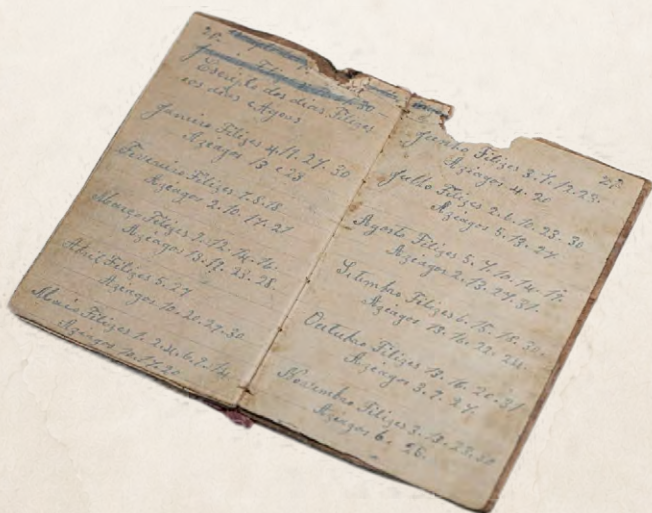
*P*ara o meu avô, a oração nunca foi um balbuciar mecânico, uma repetição vazia atirada ao vento. Ele a definia com a precisão de um construtor: “um conjunto de palavras bem arranjadas, que tem que ser pronunciadas com cautela... para que estas palavras cheguem até Deus, é preciso ter confiança”.



Para ele, a oração era uma ponte de engenharia invisível. A sua fé era o seu escudo, manifestada em tecnologias espirituais muito específicas. Ele pedia a proteção dos Três Arcanjos: convocava a força de Miguel para a defesa nas batalhas diárias, suplicava a cura de Rafael para os males do corpo e da alma, e buscava a sabedoria de Gabriel para guiar os passos de sua família.

A *Oração das 13 Almas* era o seu clamor por proteção, mas a grandiosidade de sua fé ia muito além do instinto de sobrevivência: nela, ele pedia a conversão de quem o ofendia. No coração do sertão, onde a honra tantas vezes se lavava com o sangue derramado no pó, meu avô escolhia lavar as ofensas com a água pura do perdão. Já a *Oração do Sonho de Santa Helena* era o seu radar espiritual, a sua ferramenta para se defender de “ondas e tempestades” e para “quebrantar as correntes do mal”.

Em seu diário, Josa anotou uma lista meticulosa de “Dias Felizes e Aziagos”. Ele compreendia que a vida não era um mero acaso, mas uma jornada guiada por uma força maior. A felicidade e a tristeza tinham um propósito exato na lavoura de Deus. Aquele era o seu mapa pessoal para navegar pelo mundo com a certeza de que, a cada dia, havia uma lição a ser vivida com fé.



O Eco da Engenharia de Josa nos Dias de Hoje

Quando olho para as minhas próprias mãos hoje, percebo o peso desse legado. Passo os meus dias imerso na minha própria engenharia, traçando projetos, lidando com o solo, a água, a burocracia dos contratos e as estruturas do mundo físico. Mas há tempestades que nenhum cálculo matemático prevê; há dias “aziagos” em que o peso da terra parece grande demais para os meus ombros.

Foi em um desses momentos de profunda angústia que a força da herança de Josa pulsou em mim. Sentindo o sufoco das responsabilidades e o cansaço da mente, busquei a mesma tecnologia espiritual do meu avô. Peguei a minha caneta, não para desenhar um projeto, mas para construir a minha própria ponte invisível. Escrevi uma carta a Deus.

“Querido Pai”, eu comecei buscando aquela sinceridade bruta que aprendi na Fazenda Mari. *“Há muito que não Te escrevo. Não é por falta de tempo nem por desleixo, muito menos por autossuficiência. Quero tentar escrever uma oração sincera.”*

Pedi a Ele uma palavra, um norte. E, ao abrir a Bíblia, o radar da fé me guiou a Tobias, capítulo 4: *Deus atende a súplica dos justos... Meu filho, lembre-se do Senhor todos os dias. Não peque, nem transgrida seus mandamentos. Pratique a justiça todos os dias da sua vida e jamais ande pelo caminho da injustiça... Não atrase o pagamento de quem trabalha para você. Pague sem demora e, se você estiver sendo justo, Deus te recompensará.*

Lendo aquilo, o coração encontrou o alívio que a promessa de Mateus garante aos que estão cansados. Senti a gratidão invadir o peito por Ele me ouvir, não apenas nas palavras ditas, mas nos pensamentos, nos atos e nas emoções mais silenciosas. *Não vos preocupeis com o dia de amanhã, porque o amanhã a Deus pertence. Só Deus basta!*

Ajoelhado diante da minha própria vulnerabilidade, clamei com as palavras dos Salmos: *"Tu és o meu Deus e em Tuas mãos está o meu destino! Ouve a minha voz quando clamo a Ti, suba a minha prece como incenso à Tua presença..."*

Naquele diálogo honesto com o Criador, expus as minhas fraquezas materiais. Pedi, com a força de quem busca sair de uma tempestade, que Ele me libertasse da prisão do espírito.

"Gritando, meu Deus, eu imploro", escrevi. "Tu és fiel, atende as minhas súplicas! Tu és justo, responde-me! Não entres em julgamento contra o Teu servo, pois diante de Ti nenhum vi-vente é justo!"

Ao derramar essas emoções, encontrei a verdadeira luz que iluminou o caminho de Josa e que agora ilumina o meu. Compreendi o mistério do Evangelho de João: *No princípio a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la.*

Meu avô sabia arranjar as palavras porque ele conhecia A Palavra. Ela se fez homem e habitou entre nós, cheia de amor e fidelidade. E é dessa plenitude que recebo hoje a graça para continuar.

A oração do meu avô não era passada; ela era a semente plantada para que, hoje, eu tivesse sombra onde descansar a alma. E assim, no compasso de quem aceita o próprio tempo e confia no arquiteto do universo, fecho os olhos e repito o sussurro que ecoava nas madrugadas sertanejas:

"Pai Nosso que estais nos Céus, santificado seja o Teu nome... perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... e livrai-nos do mal. Amém!"

CAPÍTULO VI

A herança da saudade: o exílio do patriarca

*Venço a tirania do tempo recontando a sua
história, garantindo que a memória de José
Felício nunca, em hipótese alguma, se perca pelos
ventos do sertão.*

12

Gracia não se que eu
com minhas boncas de
coteleu sem fuma nada
ficio umarrtando besteira!

Steneas penca de rim a São Paulo
mas chegou a ocasião
Rito fi' em Deus que logo chegou
algu forte e São

Tão de cara se t' h' nos da dia
meem dia de porta fura
a quinto de Novembro
côem mais companheiros verdadeiros

Tôzi para celoso Dantes
mas gotei sem tortos
mas com o carro d'el
Dus l'he di a preticão

Steneas de Carmo mi deu um teino
Steneas de Piche mi deu os meios
para mienda na terra alie
Antônio mi deu uma caonina
Valdaci mi deu um almeo na Taida
mi deu um pai cuader
Nze nosso

*E*m meados da década de 1970, o destino impôs a Josa a mais árdua e temida de suas travessias: uma viagem a São Paulo para enfrentar uma cirurgia delicada. Para um homem cujos pés e a própria alma estavam intrinsecamente enraizados no pó do sertão baiano, a metrópole de concreto era um oceano impiedoso, frio e desconhecido.

Naqueles tempos, a jornada de Antas à capital paulista não era um simples deslocamento; era uma verdadeira odisseia. As estradas, em grande parte de chão batido, castigavam impiedosamente os velhos ônibus que sacolejavam por dias e noites a fio, cortando o mapa do Brasil. A poeira vermelha invadia as janelas e cobria o rosto dos passageiros, enquanto a familiaridade da caatinga ia ficando para trás, engolida por quilômetros de um asfalto sem fim.

Josa partia como um retirante. Contudo, não fugia da seca que racha a terra e minguia o gado; ele era um retirante da vida. Estava em busca de mais um sopro de fôlego, cruzando o país e disposto a arriscar a própria existência na maca de um hospital distante, impulsionado por um único desejo: ganhar mais tempo neste mundo para cuidar dos seus.

O seu exílio forçado nos ensina a mais profunda e dolorosa lição sobre o enraizamento e o desenraizamento. É preciso ter o espírito forjado na rocha para aceitar ser arrancado do seu solo nativo, embarcando no escuro, sem a garantia de que um dia voltaria a pisar na própria casa.

Contudo, Josa carregava uma paz que só os grandes e sábios construtores possuem. Sustentado por uma fé inabalável no Criador, ele sabia que, mesmo se o seu trem partisse definitivamente daquela estação hospitalar, as coisas na Fazenda Mari continuariam a andar.

Ele havia edificado a sua família sobre alicerces eternos e orquestrado cada engrenagem daquela casa com tamanha precisão e amor que a vida, inevitavelmente, seguiria seu curso. As raízes que ele havia plantado eram profundas e fortes o suficiente para sustentar e nutrir toda a árvore dos Camilo e Felício, mesmo que fossem privadas, para sempre, da presença física do seu tronco principal.

Naquela época, a angústia da distância era cruelmente multiplicada pelo peso do silêncio. As notícias não voavam; elas rastejavam. A agonia de quem ficava rezando no sertão e o desespero miúdo de quem aguardava no leito em São Paulo só encontravam alívio quando o carteiro surgia com um envelope na mão, dias ou semanas depois. Foi nesse abismo de saudade, imerso em uma terra alheia onde o sol mal conseguia furar a neblina, que o carpinteiro encontrou refúgio na tinta e no papel. Redigiu, então, a sua famosa “Carta de São Paulo”.

A correspondência chegou como um milagre, um abraço dobrado em papel que revelava, de forma poética e comovente, a beleza irrefutável da sua colheita como pai. Aquele homem forte, que passou a vida inteira provendo o sustento em cabaças de água e carne de jabá, via-se agora acalentado, vestido e sustentado pela devoção dos próprios filhos.

“Vocês não se preocupe com minhas brincadeiras” — ele escreveu, com a doçura de quem tenta mascarar o medo para proteger os seus —, “estou sem fazer nada, fico inventando besteira. Nunca pensei de vim a São Paulo, mais chegou a ocasião, tenho fé em Deus que logo chegarei alegre, forte e são...”

O afeto de sua prole tornou-se a sua verdadeira armadura contra o frio da metrópole: *“Maria do Carmo me deu um terno, Maria de Pedro me deu as meias, Pedro me deu dinheiro para merendar na terra alheia...”*

E então, no decorrer das linhas, a barreira impiedosa do espaço físico simplesmente desmoronou. Mesmo cercado por prédios cinzentos, o coração de Josa não estava em São Paulo. Ele pulsava na cadência exata do sertão. O seu olhar de patriarca viajava léguas incontáveis, rasgando o mapa de volta à Bahia para inspecionar a sua obra sagrada:

“Parece que vi as casas das meninas, e os capim murchando. Parece ver o gado bonito e os tanques secando. Parece ver todo o movimento de tudo, tenho lembrança.”

Ele sentia a sede da terra nas próprias veias, ouvia o mugido distante do gado e supervisionava o compasso ritmado da família.

E aqui estou eu, loucamente perdido em suas palavras, com a alma tocada diante desse pedaço de papel que sobreviveu às intempéries do destino. A vida dele é, inegavelmente, a nossa maior recompensa. Ao deslizar os dedos sobre a sua

caligrafia rústica, lembrei-me instantaneamente da sentença que ele gostava de repetir: *“Se quer ser lembrado quando morrer, escreva coisas que valem a pena ler”*.

Ele escreveu. Não apenas em cadernos ou cartas, mas gravou o seu legado no caráter de cada um de nós. E hoje, honrando o compromisso do sangue, do pó e da palavra, eu assumo a pena. Venço a tirania do tempo recontando a sua história, garantindo que a memória de José Felício nunca, em hipótese alguma, se perca pelos ventos do sertão.

CAPÍTULO VII

O catecismo de Herculano e a química da fé

*No olhar para trás, compreendo: a Geração dos
Camilo e Felício, firmada no "sim" de Rosa
e na resiliência de Josa, é essencialmente uma
geração de promessas cumpridas.*



Em meio às descobertas daquela “faxina da alma”, encontrei o caderno de catecismo do meu bisavô Herculano. Aquele livrinho amarelado, com suas páginas frágeis e marcadas pelo toque de mãos calejadas, era, na verdade, a bússola inquebrável da nossa família. Nas suas linhas, a vida se resumia a perguntas e respostas diretas, sem margem para as dúvidas que hoje atormentam o mundo:

O que é ser cristão?

R: É ser discípulo de Cristo... até dar a vida por ele.

De quem é Deus?

R: É um Senhor Supremo a quem devemos adorar.

Foi exatamente nesse ponto da leitura que uma conexão profunda atravessou o meu espírito. Quando nasci, minha mãe, reverenciando a força dessa ancestralidade, propôs me batizar como Herculano. Mas minha irmã, Vagna Shirlei, guiada pelo sopro silencioso do Espírito Santo, interveio e me registrou como Isaac. De origem hebraica, Isaac carrega o peso de um milagre; significa “ele ri” ou “o filho da alegria” — o filho da promessa. Ao olhar para trás, compreendo: a Geração dos Camilo e Felício, firmada no “sim” de Rosa e na resiliência de Josa, é essencialmente uma geração de promessas cumpridas.

Movido por esse legado e exercendo o meu ofício de Engenheiro Agrônomo, tive uma epifania incontestável enquanto me

debruçava sobre os estudos da Química do Solo e da Fisiologia Vegetal. Decidi correlacionar a mecânica invisível da terra com a Lei do Mínimo e com a própria estrutura da nossa alma.

Cheguei a uma conclusão irrefutável: o campo espiritual é o Nitrogênio da vida!

Na atmosfera que respiramos, o gás nitrogênio (N_2) compõe cerca de **78%** do ar. Ele é o elemento fundamental e insubstituível para a construção do DNA, das proteínas e dos tecidos de qualquer sistema vivo. No entanto, por ironia divina e perfeição biológica, a grande maioria dos organismos — incluindo nós, humanos, e as plantas mais majestosas — é absolutamente incapaz de utilizá-lo diretamente do ar. Ele está ali, denso, onipresente, tocando nossas folhas e nossos rostos, mas é inacessível em sua forma bruta, protegido por uma tripla ligação química quase indestrutível.

Deus é exatamente como esse nitrogênio atmosférico: onipresente, vasto, envolvendo o universo inteiro em Sua graça. Mas, endurecidos pela rotina e pela autossuficiência, muitos de nós somos incapazes de absorvê-Lo sozinhos.

Na agronomia, para que o solo se torne disponível e gere vida, é necessário que ocorra a “Fixação Biológica”. Bactérias invisíveis no solo, como os rizóbios, associam-se às raízes das plantas em uma simbiose perfeita. Esses “organismos auxiliares” quebram a dureza do ar e transformam o gás em amônio (NH_4^+) e nitrato (NO_3^-), formas que a planta consegue, enfim, beber e integrar à sua seiva.

No campo espiritual, a mecânica é a mesma. Deus só se manifesta plenamente dentro de nós quando “organismos auxiliares” nos ajudam a quebrar a nossa dureza. Pode ser uma oração sussurrada às quatro da manhã, o livrinho de catecismo amarelado de um bisavô, o conselho de uma mãe ou a palavra certa que chega na hora exata, vinda de um amigo. Esses intercessores “fixam” o Divino no solo do nosso coração. E nesse processo, a nossa consciência atua como o verdadeiro catalisador, um acusador e direcionador Divino que nos mostra o que precisa ser purificado para que a seiva da fé circule livremente.

Mas a perfeição da química de Deus não para no crescimento; ela rege a eternidade através do ciclo. De onde vem o nitrogênio, afinal? E como ele retorna?

Após a planta absorver os nutrientes, crescer, florir e dar seus frutos, o seu tempo cronológico se esgota. Assim como o nitrogênio “morre” na estrutura da planta seca e cai sobre a terra, ele inicia o seu retorno. Microrganismos decompositores entram em ação. Aquilo que era folha e caule se desfaz, mineraliza-se e, num processo de desnitrificação, o elemento liberta-se novamente, voltando para o solo e para a atmosfera.

Lavoisier, com a precisão da ciência, eternizou que “na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. O meu avô Josa, com a sabedoria matuta do sertão, resumiu a mesma lei apontando para as escrituras: fomos criados do pó, e ao pó voltaremos.

Quando vi o corpo do meu avô repousando na terra da Fazenda Mari, compreendi a plenitude dessa lei. Josa foi a nossa grande e frondosa árvore. Ele absorveu o Divino, deu sombra a onze filhos, alimentou-se da esperança e, quando a sua estrutura física se cansou, ele tombou serenamente sobre o chão que amava. Mas o seu nitrogênio espiritual — a sua essência, o seu caráter, a sua palavra — não se perdeu. Ele apenas retornou ao ciclo inicial. A matéria orgânica voltou ao pó, mas a energia libertada nesse processo voltou ao universo e está, até hoje, impregnada no nosso DNA. A força energética de José Felício ainda ecoa pelo firmamento e pulsa intacta, fixada nas raízes do nosso coração. Isso é o ciclo perfeito da Criação. Isso é a verdadeira ressurreição, e é nisso que eu creio.

Diante dessa matemática sagrada e dessa química poética, entendi o meu dever. Preciso alavancar e adubar o meu próprio campo espiritual diariamente. Sem essa “fixação” constante do Divino em mim, todo o meu conhecimento, todo o meu legado técnico de cálculos, vazões e perfurações, será completamente estéril e inútil.

Para que eu seja verdadeiramente um “ser de luz”, honrando a centelha do Carpinteiro que desbravou o breu de sua época, não basta erguer estruturas físicas. É preciso que as minhas ações, a minha ética e as minhas palavras sejam a terra fértil onde as pessoas ao meu redor consigam enxergar, com clareza cristalina, a presença viva e pulsante do Todo-Poderoso operando na minha vida.

CAPÍTULO VIII

O perfume das rosas: a dor da ausência

*Eu queria criar asas, voltar para casa
imediatamente, cruzar o estado num único suspiro,
mas a distância impôs a sua crueldade em forma
de quilômetros de asfalto.*



A vida comporta-se com a mesma sabedoria silenciosa da natureza. Deus nos faz atravessar as estações com propósitos exatos: nós preparamos a terra, plantamos a semente, regamos com o suor dos dias e aguardamos. No tempo certo estabelecido pelo Criador, algumas flores desabrocham em cores vivas, enquanto outras adormecem no solo. É a lei imutável do ciclo. É certo que um dia eu também partirei e, na minha juventude, cheguei a escrever nas entrelinhas do destino um pedido, um legado deixado a ti, minha avó Rosa: cuida do meu jardim. Eu sabia que o amor verdadeiro, quando podado pela separação, inevitavelmente se transforma em saudade. Mas ele resiste. Resiste aos silêncios mais frios da ausência, pois eu tinha a certeza de que sempre sentiria a tua presença materna guardada no perfume inconfundível das rosas.



O ano era 2016. Um domingo de Dia das Mães. O calendário marcava celebração, mas eu estava em Aracaju, mergulhado nos livros, estudando incansavelmente para uma prova. A distância física tentou roubar o abraço, então recorri ao telefone para felicitá-la. Do outro lado da linha, a voz dela preencheu o meu quarto. Ouvi o seu riso doce, aquele som familiar que aquecia a alma, e ela, com a sua fé inabalável, me revelou que orava todos os dias pelo meu anjo da guarda. Eu sorri, agradecido, sem desconfiar que a vida, em sua ironia implacável, estava prestes a me dar a sua maior e mais dolorosa lição.

Por volta das 22h, o telefone tocou novamente. Era a minha mãe. As palavras saíram trêmulas, cortando o ar: Vó Rosa havia sofrido um AVC. A espinha dorsal gelou instantaneamente. O sangue pareceu fugir do corpo e um vazio assustador, escuro e denso, me inundou por completo. Eu queria criar asas, voltar para casa imediatamente, cruzar o estado num único suspiro, mas a distância impôs a sua crueldade em forma de quilômetros de asfalto.

Na quarta-feira, dia 11 de maio, saí às pressas para ver a minha Senhora. Foram, sem dúvida alguma, os 202 quilômetros mais distantes e agonizantes da minha vida. O pneu devorava a estrada, mas a cabeça ia a mil, correndo ainda mais rápido. O medo me assombrava: o que estava acontecendo? Daria tempo de te ver pessoalmente? De sentir, mais uma vez, o seu cheiro reconfortante, de me abrigar no seu abraço, de deitar no seu colo macio de avó e mãe?

Ao chegar de frente à casa dela, o motor silenciou. Fiquei paralisado na calçada por um longo instante. Eu precisava respirar fundo, fechar os olhos e preparar o meu espírito. Ela não podia enxergar a minha fraqueza. Ela não podia ver o meu desespero. O meu coração gritava, mas eu não poderia chorar; eu tinha a obrigação de ser forte, a mesma fortaleza que ela e Josa sempre me ensinaram a ter.

Girei a maçaneta. Ao passar pela sala, o tempo pareceu desacelerar. O ambiente estava impregnado de memórias. Meus olhos varreram o espaço, fixando-se nos velhos quadros pendurados na parede — retratos emoldurados de formaturas, casamentos e batizados que testemunharam as alegrias da nossa geração. O sofá de tecido, onde tantas vezes me aninhei para ouvir suas histórias, repousava no canto, vazio e silencioso.

E então, eu senti. O perfume dela ainda pairava no ar, denso, misturado ao cheiro de casa limpa. Fechei os olhos com força, esmagando a dor, e pude imaginar perfeitamente a sua presença materna sentada ali. O silêncio era tão absoluto que o meu próprio coração parou por um segundo, e eu juro que conseguia ouvir o pulsar ritmado e teimoso do coração dela, ecoando através da parede de alvenaria que nos separava.

Caminhei a passos lentos e entrei no quarto. Havia outras pessoas ali, murmúrios soltos no ar, mas eu não tive olhos para mais ninguém. Meu olhar cruzou o quarto e cravou-se diretamente no dela. Consegui penetrar nas profundezas

da sua alma. O mundo ao redor desapareceu; fomos reduzidos a dois espíritos conversando no silêncio. Foram minutos de uma concentração absoluta, um verdadeiro encontro de almas no precipício da despedida.



Disseram-me baixinho, em tom de lamento, que ela não estava mais reconhecendo as pessoas. A consciência parecia ter partido antes do corpo. Eu me aproximei da beirada da cama, inclinei-me e, com a voz embargada, quebrei o diagnóstico:

— Vovó, cheguei... você está me reconhecendo?

O milagre do afeto operou naquele instante. Com a mão frágil e trêmula, como uma folha seca lutando contra o vento,

ela procurou a minha. Apertou meus dedos. Virou o rosto marcado pelo tempo com imensa dificuldade e, dos seus olhos que já miravam a eternidade, uma lágrima límpida e silenciosa rolou pelo travesseiro.

Aquela lágrima me tirou completamente do eixo. Desmontou a minha armadura de força. Eu sabia — com a mesma certeza com que sei que a semente germina na terra — que no fundo daquele olhar, brilhando naquela gota salgada, estava escrito: *“Que bom que você veio”*.

Foi impossível não lembrar, ali mesmo, do texto do Evangelho de João. Jesus disse: *“As minhas ovelhas conhecem a minha voz, e eu conheço-as, e elas seguem-me”*. Na vida real, o rebanho no sertão cria um vínculo de confiança tão absoluto, tão inquebrável com o seu pastor, que ignora sumariamente o chamado de qualquer estranho. O AVC havia roubado as memórias recentes e os nomes, mas o amor não habita a mente; ele habita a alma. E a alma de Rosa reconheceu a voz da sua ovelha, a voz do seu Isaac.

Naquela noite, voltei para a minha casa, logo em frente à dela. Sentei-me à mesa diante de um prato de sopa quente, mas eu não me alimentei de caldo; eu jantei as minhas próprias lágrimas, engolindo o gosto amargo e salgado da impotência.

Mas a Geração dos Camilo e Felício é feita de surpresas e teimosia. Na manhã seguinte, dia 12, a angústia me arrancou da cama. Corri de volta para a casa dela, atravessando

a rua ainda de pijama, com a urgência de quem busca água no deserto. E para o espanto e a surpresa maravilhada de todos que estavam no quarto, ela abriu os olhos e começou a dialogar comigo.

Foram apenas alguns segundos. Segundos de um esforço sobre-humano, uma fagulha de consciência que ela reuniu apenas para me entregar alegria. Mas aquele sopro breve de palavras trocadas selou, para todo o sempre, a força de uma raiz que vento nenhum, doença nenhuma, e nem mesmo a dor suprema da ausência, conseguiria arrancar do meu coração.

CAPÍTULO IX

A raiz mais profunda: de Teles de Mireles a Isaac Felício

*Refletir sobre a existência deste registro é
compreender a teimosia do tempo: a memória só
vence o esquecimento quando encontra quem a resguarde*



*R*etrato de uma época: a Cícero Dantas de 1957. Nas construções erguidas na encosta e no chão de terra desta cidade, repousam as memórias das gerações que pavimentaram o caminho até chegar a Isaac Felício.

Há documentos que são mais do que papel e tinta; são testemunhos do tempo. O manuscrito que hoje repousa em nossas mãos — tecido pelas lembranças de Júlio Camilo da Gama e eternizado pela caneta de José Eronildes Santana em 2015 — é um mapa precioso. Refletir sobre a existência deste registro é compreender a teimosia do tempo: a memória só vence o esquecimento quando encontra quem a resguarde.

Esse guardião, o nosso transmissor humano, foi Tio Zé Eronildes. Ele faleceu agora, no dia 26 de julho de 2026, exatamente enquanto eu finalizava minhas escritas. O corpo foi velado no dia 27 na cidade de Cícero Dantas e, no dia 28, seguiu para Antas, sendo sepultado no cemitério local em um jazigo construído bem próximo ao de seu irmão, Josa. Infelizmente, não pude estar presente.

Das lembranças que tenho de criança, Tio Zé sempre me pareceu um inventor. Se eu pudesse ligá-lo a um personagem, esse seria o Inspetor Bugiganga — uma essência feita da combinação de um coração bondoso, uma inocência cômica e o uso de ferramentas escondidas pelo corpo. Era tudo o que Tio Zé precisava para trabalhar. Ele mantinha uma eletrônica nos fundos da casa de sua irmã, Tia Zefa: o “Abrigo e a Invenção” convivendo no mesmo quintal.

Tio Zé era um autodidata obstinado. Antes de dominar os transmissores, foi caminhoneiro e alfaiate. Aprendeu os mistérios dos circuitos pelas cartilhas por correspondência do Instituto Universal Brasileiro e, mais tarde, com os ensinamentos de um engenheiro chamado Doutor Jorge, desvendou as torres repetidoras. O trabalho nas torres, nos anos 1990, era puramente mecânico, analógico e de alta periculosidade. Foi o suor e a teimosia de Tio Zé, escalando dezenas de metros com um ferro de solda a gás nas mãos, que trouxeram pela primeira vez as imagens da televisão para Antas, Cícero Dantas, Novo Triunfo, Adustina e Fátima.

Mas sua oficina costurava mais do que circuitos; costurava os laços da nossa família. Josa (o Pai Vovô), sempre que ia visitar Tia Zefa, não deixava de passar na eletrônica para longas conversas. Apesar da diferença de idade e de mães — Josa nascido em 1916, filho da primeira esposa, Prima Felício, e Zé da união com Mãe Zila —, o respeito entre os dois era absoluto. Eram irmãos com um carinho tão singular que dificilmente um negava um pedido ao outro.

Foi dessa lealdade que nasceu uma das maiores parcerias da nossa história. Certo dia, Josa chamou seu neto Degival, um jovem que até então só conhecia a lida da roça, e sentenciou: *“Meu filho, você é inteligente. Vejo que você não é menino para a roça. Vou falar com seu Tio Zé para você trabalhar com ele.”* Tio Zé não precisava de funcionários, mas jamais diria ‘não’ a Josa. Acolheu Degival e tornou-se seu grande mentor. Tinha a paciência dos justos para ensinar do zero. *“O que admiro em você”*, dizia ao sobrinho, *“é que*

“você demora a aprender, mas quando aprende, faz bem feito, sem deixar rastro para trás.”

Homem de inteligência rara e estudioso voraz das Escrituras, Tio Zé plantava em seus aprendizes a curiosidade pelas coisas de Deus. Para ele, nenhum chiado ou tempestade era desculpa para deixar uma cidade desconectada. Mas a sua maior obra de conexão não exigiu escalar torres metálicas, e sim o cuidado de sentar e ouvir. Ao perceber que as vozes do nosso passado corriam o risco de silenciar, ele assumiu a missão de captar outra frequência.

A transcrição que ele fez em 2015 das memórias de Júlio Camilo da Gama (que em 2003 tinha 81 anos e morava em Fátima-BA) é a âncora da nossa identidade. Ela nos guia de volta por um oceano de memórias, desde os ventos da Europa até o calor ancestral do sertão da Bahia.

As histórias que o Vô Josa guardava a sete chaves em sua penteadeira eram apenas o meio da jornada. O nosso começo é muito mais distante. Nossa linhagem nasce sob a sombra de um patriarca colossal: o Dr. Teles de Meireles.

Homem de uma longevidade que beira o sagrado, Teles de Meireles testemunhou o mundo mudar ao longo de seus cento e oito anos de vida. Destes, setenta e dois foram dedicados a misturar seu suor ao solo brasileiro. De sua união pioneira com Rosa Camila Gama, o destino forjou os primeiros traços do nosso rosto. E, como se quisesse garantir que essa raiz jamais fosse arrancada, a vida os presenteou com um milagre em dose dupla: os gêmeos João Camilo e Camilo Gama.

Eu, Júlio Camilo da Gama conto aqui um pouco do que sei a respeito da origem da família Camilo. Somos descendentes de Portugal. Meu tataravô, Dr. Teles de Meireles, Nasceu em Portugal, fez Mequitrado, trabalhou como Juiz de Direito em Portugal. Com 30 anos de idade se mudou para a Alemanha. Trabalhou como Juiz na Alemanha 6 anos. Naquela época; estourou uma grande guerra na Alemanha. Insatisfeito por causa da guerra Teles pediu permissão para sair da Alemanha. Embarcou-se no Navio para o Brasil, desembarcou em Recife.

Não sabemos a data; só sabemos que foi na época da escravidão no Brasil, provavelmente não muito longe da descoberta do Brasil. Trabalhou em Recife por algum tempo, mas não gostou até que pedi-o transferência para a Bahia. Exerceu o cargo de Juiz aqui na Bahia. Ajudou no crescimento do Brasil. Teles de Meireles, trouxe muita riqueza para o Brasil; inclusive muita prata e muito ouro.

Caçou na família Gama; a qual Teles ajudou a toda família a se estabelecerem financeiramente e em todos os aspectos. Ele foi um homem de visão, deixou bons exemplos, sempre se esforçou pelo sucesso. Sua vida foi progressiva. Ajudou a muitos inclusive a família de sua esposa. (Família Gama). Teles foi senhor de 120 escravos, entre homens e mulheres.

Uniu-se com Rosa Camila Gama através do casamento, teve dois filhos gêmeos: Camilo, conhecido por Camilo Gama e Camilão, também conhecido por João Camilão. Camilo Gama casou com Maria Dantas, irmã do Barão Cícero Dantas de Jeremoabo. **João Camilão casou com Josefa Oliveira. Camilo Gama** criou cinco filhos do casal, três homens e duas mulheres: Joaquim Camilo, José Camilo, Dantas Camilo, Mariana Dantas Camilo e Josefa Dantas Camilo.

Teles de Meireles **morreu com 108 anos de idade.** Deixou muita riqueza, seus bens foram divididos entre os dois filhos: Camilo Gama e João Camilo. A Fazenda Tanque Novo ficou para João Camilo e a Fazenda Taparica ficou para Camilo Gama. Dividiram entre eles os escravos, sendo que João Camilo ficou com 60 escravos e Camilo Gama com 60.

A família de Camilo Gama rendeu muito pelo motivo dele namorar muito com as escravas jovens, por isso; sua família tornou-se uma grande família.

Além de Teles de Meireles deixar muita riqueza, infelizmente também deixou doenças na família, conhecidas como "Pé – Inchado", protoso e reumatismo. Cujas doenças, quase incuráveis.

Ele viveu aqui no Brasil 72 anos.

Esta historia com todas as informações chegaram até mim por intermédio de **um "tataraneto" de Teles de Meireles: Júlio Camilo da Gama e seu nome.**

No ano de 2003, Júlio Camilo estava com 81 anos de idade. Residente na Cidade de Fátima – Bahia, Cuja época eu estava fazendo uma série de Conferência de Evangelismo em Fátima, e tive a oportunidade de encontrar-me com Júlio Camilo, foi muito bom nosso encontro, conversamos bastante. Ele me apresentou com estas informações. Pois eu amo a família Camilo, e como é bom conhecer nossa origem. Eu a escrevi.

Cícero Dantas, 19. 04. 2015

José Eronildes Santana
Filho de José Camilo da Silva. Meu Pai e Avô

Quando o velho patriarca deu seu último suspiro, o império que construiu foi dividido. João Camilo, ao lado de Josefa Oliveira, tornou-se o senhor da Fazenda Tanque Novo, herdando 60 escravizados. Camilo Gama, por sua vez, herdou as terras da Fazenda Taparica e outros 60 escravizados. Eram tempos densos, erguidos sobre o peso histórico e doloroso da escravidão, uma herança que moldou as fundações do interior.

Mas é nas veias de Camilo Gama que a nossa história escolhe o seu leito definitivo. Ao unir-se a Maria Dantas — mulher de linhagem nobre, irmã do ilustre Barão de Cícero Dantas de Jeremoabo —, o sangue da nobreza misturou-se à coragem bruta dos desbravadores do sertão. Desse amor nasceram cinco filhos (Joaquim, José, Dantas, Mariana e Josefa), lançando as sementes que espalhariam nosso sobrenome pelos ventos da região.

A herança deixada por Teles de Meireles, contudo, não se resumiu a terras e títulos. O sangue também carregou as marcas biológicas do tempo: doenças hereditárias como o “pé-inchado”, a ptose e o reumatismo. É uma assinatura genética confirmada nas linhagens de Tio Pedro, Tia Mercês, Tia Hilda, Tia Rosália e Tia Maria do Carmo, alcançando também o ramo de Juquinha, através de seu filho Gilson.

Daí em diante, a história passa a ser feita de sobrevivência, suor e saudade. É o fio condutor de sete gerações inquebráveis:

1 A Semente: O patriarca Teles de Meireles e sua Rosa plantaram a nossa origem.

2 A Germinação: O filho Camilo Gama e a nobre Maria Dantas firmaram as raízes na segunda geração.

3 A Força e a Partilha: Na terceira geração, ergue-se José Camilo, o valente Zé Camilo. Sua juventude foi marcada pelo amor e pela dor: sua primeira esposa, Prima Felício, foi levada cedo demais pela tuberculose, mas não sem antes deixar os filhos de sua linhagem materna, como Josa (1916) e Firmo (1917). Para curar a casa, surgiu a força de Mãe Zila (Virgília). Zé Camilo e ela ergueram um império de afeto de 16 filhos. Homem de coração vasto, Zé Camilo abatia um boi inteiro apenas para repartir, ensinando que a verdadeira prosperidade é a partilha. Dessa grande árvore, nasceram os pilares da família:

- *A Cumeeira:* Josa, o resiliente leitor da Bíblia.
- *Os Companheiros:* Firmo e Antônio.
- *O Abrigo e a Invenção:* Zefa e José Eronildes (Tio Zé).
- *A Leveza e o Destodo:* Sinézio e Juquinha.
- *Os Portos Seguros:* Luzia, Loura, Maria e Zefira.
- *As Fortalezas:* Lourdes, Benta, Raimunda, Edite e Carmelita.

4 O Sustento: Na quarta geração, José Felício da Silva, o nosso Vô Josa, ao lado da doçura inabalável de sua Rosa, tornou-se a verdadeira cumeeira desta grande casa chamada família.

5 A Guardiã: Dessa união, na quinta geração, floresceu Normeide, a caçula, a guardiã dos afetos.



Imagem de Normeide no dia em que completara 15 anos, no ano de 1975

6 O Resgate: E de Normeide, na sexta volta do ponteiro deste relógio secular, nasço eu: Isaac Felício. Aquele que tomou para si a missão de recolher as vozes do passado para que não se percam no vento.

Hoje, ao olhar para trás, compreendo que nenhuma folha cai sem um propósito. Nossos antepassados foram as pontes de pedra, muitas vezes erguidas sobre dor e sacrifício, para que pudéssemos atravessar. Não somos folhas soltas ao vento. Somos a continuação de uma raiz profunda e resis-

tente que atravessou séculos e oceanos para pulsar em meu próprio peito e que, agora, já floresce em direção ao amanhã através dos passos da sétima geração: Ian.



Nesta imagem, abrigado no solo fértil do ventre de Iara e envolto pelo milagre silencioso da criação, pulsa o nosso grande Ian, em suas gloriosas 25 semanas de vida. Ele não é apenas a promessa do nosso amanhã; ele é o triunfo definitivo da nossa ancestralidade. Ao contemplar os seus pequenos contornos, vejo a ciência de Deus e a força indomável do nosso DNA operando a continuidade da história. Ele já traz consigo, esculpidos em sua face ainda em formação, os traços genéticos inconfundíveis de uma herança incalculável: a boca e o nariz de seu pai.

É a assinatura física de uma linhagem resiliente que viajou pelos séculos, resistindo às secas e ao tempo, caminhando a passos firmes desde Teles de Meireles até desaguar em mim. Ian é o novo alvorecer. O menino que carrega em seu pequeno coração a força de tropeiros, a nobreza de barões e a resiliência de mulheres imortais. Nele, a raiz antiga se faz broto. Nele, somos a promessa viva e pulsante de que a nossa história de pó, sangue e palavra jamais deixará de florescer.

CAPÍTULO X

A travessia e a aldeia: a verdadeira origem dos Felício

*O sobrenome "Felício" carrega em
si a travessia da Europa e a resistência
implacável do sangue indígena brasileiro*



*S*e pelo lado dos Camilo a nossa história cruza com a nobreza e as grandes fazendas do Império, é pelo lado materno do meu avô que a nossa árvore revela a sua face mais complexa, unindo dois mundos que o oceano separava. O sobrenome “Felício” carrega em si a travessia da Europa e a resistência implacável do sangue indígena brasileiro.

A origem exata dessa linhagem era guardada com muito zelo na memória viva do Vô Josa. Ele costumava contar que a raiz dos Felício vinha de muito longe, das montanhas frias da Suíça. Um casal de suíços, buscando novos horizontes, cruzou o Atlântico e se instalou no Brasil. Foi essa semente europeia que trouxe o nome “Felício” para o nosso continente. No entanto, a história do nosso sangue ganha os seus verdadeiros contornos de sertão quando essa linhagem suíça se depara com a força originária do Brasil.

Tudo o que sabemos sobre a matriarca que gerou a nossa família chegou até nós pela tradição oral, salva do esquecimento pelas palavras de Mãe Deta, irmã de minha bisavó. Era ela quem sentava com o jovem Josa e, com a ternura de quem protege um legado, pedia: *“Mô bem, não quero que você esqueça da memória de sua mãe”*.

A mãe de Josa, Prima Felício da Silva, era uma mulher de beleza ímpar e magnética. Mãe Deta a descrevia como uma moça *dalga* (magra e esguia), de pele canelada e cabelos pretos, lisos e longos que emolduravam um par de olhos verdes inesquecíveis — a marca inconfundível daquela mistura entre a Europa e o Sertão. Tinha os traços fortes e a altivez

de uma índia, uma herança genética que gritava a sua verdade ancestralidade.



Representação de Prima Felício da Silva, recriada a partir de fotografias antigas e memórias familiares. A “moça dalga” de pele canelada e olhos verdes inesquecíveis, cujo rosto carrega a altivez da herança Kiriri e a marca do sangue suíço sob o céu do sertão.

Mas a beleza de Prima escondia uma história ancestral de dor e sobrevivência. A avó materna de Josa pertencia à tribo dos Kiriris, da região de Mirandela. Como era triste-

mente comum na colonização brutal do nosso sertão, essa ancestral indígena foi “pega a dente de cachorro” — uma expressão violenta que traduz as caçadas desumanas às quais os povos originários eram submetidos. Arrancada de sua tribo, ela foi forçada a se casar com o homem de fora, o herdeiro daquela linhagem suíça que havia se instalado na região.

Foi desse choque entre a Suíça e a aldeia Kiriri que nasceram as mulheres Felício. Prima, nascida no dia 8 de dezembro de 1901 (Dia de Nossa Senhora da Conceição), carregava a sabedoria das antigas matriarcas. Casou-se aos 14 anos com Zé Camilo, dominando a arte do bordado, da costura, do crochê e da renda. Mais do que isso, suas mãos moldavam o barro, fabricando as próprias louças para o sustento da família, num resgate silencioso da cultura de sua avó indígena.

Meu avô Josa cresceu com o peso dessa herança europeia e indígena, sendo testemunha ocular da história do seu povo. Ele alcançou o tempo da demarcação das terras indígenas na região de Antas, lembrando-se da extensa faixa de pedra que limitava os territórios originários — uma área que hoje corresponde à região do Anane. O carpinteiro que também fabricava cancelas sabia exatamente onde as fronteiras da sua própria história haviam sido traçadas.

O destino de Prima foi tragicamente breve. Ela faleceu vítima da tuberculose no dia 29 de setembro de 1918, Dia de São Miguel Arcanjo. Exatamente no dia em que o peque-

no Josa completava 2 anos de idade. Mãe Deta cumpriu sua missão. Josa nunca esqueceu a mãe. E agora, através destas páginas, nós também jamais esqueceremos. O nome suíço que atravessou o mar e o sangue da índia Kiriri que sobreviveu à violência continuam correndo, juntos e indissociáveis, nas veias de todos nós. Nós somos a prova viva de que essa história jamais foi apagada.

CAPÍTULO XI

Raízes que sustentam gerações: o alicerce dos Camilo

Como esquecer que somos repentistas, que somos homens de um povo brasileiro que se orgulha de sua família, de sua terra, do seu povo e de sua origem? Viva a Antas! Viva a Família de Zé Camilo!





Foto da reunião de alinhamento do evento que ia acontecer no dia seguinte, nem todos estavam presentes.

*A*ntes de eu perfurar poços profundos em busca de água, houve quem desbravasse o solo duro para que pudéssemos caminhar.

Meu bisavô, Zé Camilo, foi um tropeiro corajoso. Enfrentava meses de estrada até Feira de Santana, guiando tropas sob a ameaça do cangaço de Lampião. A dor bateu cedo em sua porta com a morte precoce de sua primeira esposa, Prima Felício da Silva.

Para curar a casa, surgiu a força de Mãe Zila (Virgília). Zé Camilo e ela ergueram um império de afeto de 16 filhos — sendo 14 filhos dela e 2 filhos de Prima Felício. Zé Camilo abatia um boi inteiro apenas para repartir; ensinou que a verdadeira prosperidade é a partilha. Dessa união nasceram nossos pilares:

- **A Cumeeira:** Josa, o resiliente leitor da Bíblia.
- **Os Companheiros:** Firmo e Antônio.
- **O Abrigo e a Invenção:** Zefa e José Eronildes.
- **A Destoado e a Leveza:** Sinézio e Juquinha.
- **Os Portos Seguros:** Luzia, Loura, Maria e Zefira.
- **As Fortalezas:** Lourdes, Benta, Raimunda, Edite e Carmelita.

O Encontro e o Discurso de Miguel

No grande Encontro da Família Camilo, Miguel (filho de Tio Juquinha) tomou a palavra. Relembrou que Zé Camilo deixou o caráter como maior patrimônio, tornando nossa família respeitada na região. Com a voz embargada, Miguel pediu licença aos tios e ressaltou a figura de um homem que foi o grande consultor da família. Alguém que buscou incessantemente o equilíbrio, nunca feriu ninguém e era o mestre da conciliação. Essa pessoa, reverenciada por todas as gerações, era o Tio Josa.

A Poesia e a Trova de Gilson: O Encontro em “Passárgada”

É agora que a poesia e o repente se encontram. Dentro desse caldeirão de diversidade da Família Camilo, nasceu Gilson, filho de Tio Juquinha e irmão de Miguel. Poeta,

político, repentista, ele domina o dom do improviso e faz das palavras veículos de afeto, carinho, amor e alegria.

Verdade seja dita: sabendo da chegada de Gilson à cidade, fui à casa de Milton para visitá-lo. Ao me avistar, ele abriu um sorriso largo e foi logo declamando os versos imortais de Manuel Bandeira:

*"Vou-me embora pra Passárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei...
Vou-me embora pra Passárgada
Quando de noite me der
Vontade de me matar
Lá sou amigo do rei"*

Depois de um forte abraço, ele me disse, aos risos, que a Passárgada era ali e que o rei era eu. Contou-me que, quando estava de saída de Itapetinga, os amigos lhe perguntaram para onde estava indo. A resposta estava na ponta da língua: ia para Passárgada, pois lá ele era amigo do rei.

E, assim, as limitações de saúde não impediram Gilson de vir à sua própria Passárgada.

70 Anos de Brilhantismo

Gilson de Jesus completou 70 anos na estrada enquanto viajava para Passárgada. O jornal A Gazeta publicou uma justa homenagem:

“Dia seis parabenizamos Gilson, esse grande cidadão que adotou Itapetinga como sua terra, seu berço, sua morada, e dedicou sua vida a esta cidade. Gilson se destaca como servidor público, poeta, cantor, compositor, articulador cultural e político, sendo eleito vereador por diversos mandatos. É um homem digno, honrado e muito respeitado, celebrando 70 anos de uma trajetória brilhante...”

De uma coisa todos têm certeza: o repentista e poeta faz do palco político um lugar para dissipar conhecimento e falar na língua do interior. Dificilmente um discurso seu soa igual a outro. Além de suas atuações públicas e de ser um talentoso compositor, Gilson também faz parte do grupo Pau de Arara.

O Palco, o Repente e a Memória

Ao subir no palco do nosso encontro, ele não perdeu a oportunidade de reviver o passado. Puxou na memória os trava-línguas de outrora, desafiando os presentes:

“O peito do pé de Pedro é preto...”

“Toco cru pegando fogo...”

“Sol, capim, canela...”

“Se a liga me ligasse, eu também ligava a liga, como a liga não me liga, eu também não ligo a liga...”

Essas brincadeiras reviveram a infância da velha guarda e animaram a jovem guarda presente. Trovador, repentista, feito de sangue e pó que representam o povo nordestino, Gilson explica que sua arte flui com naturalidade. Sua mente começa a lançar palavras que logo ganham arranjos. São improvisos que nascem do ambiente e da emoção do momento.

Homem de extrema sensibilidade, Gilson trata cada situação e cada ambiente como se fossem únicos. O teatro, que estudou no passado, o ajudou a desenvolver e refinar essa força da fala e da criação.

A mudança para Itapetinga aconteceu quando ele tinha apenas 15 anos. Gilson conta que ainda quer escrever sua autobiografia para registrar suas memórias. Ele guarda na mente cada vereda, cada caminho por onde passou quando menino. Conta que, certa vez, voltou para reviver o trajeto de subir para o Raso e buscar o gado na serra; ao perceber que a paisagem já não era mais a mesma que guardara na lembrança, a saudade transbordou e virou mais uma canção.

A Saudade de Tio Josa e o Orgulho das Origens

Apesar de toda a festa, havia espaço para a emoção profunda. Em 2012, Gilson escreveu um texto cortante onde fala-

va das mãos grandes, dos dedos largos e dos braços fortes de Josa, que não mais o abraçariam. Foi uma escrita forte, que manchou de saudade o papel na noite de 29 de março de 2012, o dia em que Vô Josa partiu no trem.

Ao lembrar disso no palco, a emoção tomou conta. O relâmpago disparou e o trovão veio. Com os olhos marejados por tantas memórias, Gilson caminhou para o final de seu discurso, inflamando os corações da família:

“Como esquecer dessas coisas? Como esquecer da casa de farinha? Como esquecer que pegávamos no peito da vaca, que tomávamos o mel de mandaçaia? Como esquecer que andávamos em pelo de jegue, de burro e de cavalo, e que isso nos tornou destros e rápidos! Como esquecer que somos repentistas, que somos homens de um povo brasileiro que se orgulha de sua família, de sua terra, do seu povo e de sua origem? Viva a Antas! Viva a Família de Zé Camilo!”

E, como um bom repentista e artista que nunca deixa a peteca cair, pediu uma música para o Trio Nordeste. Começou cantando no microfone, mas a energia foi tanta que não se conteve: desceu do palco e foi dançar forró bem no meio da sua família.

O Retorno a Passárgada: Uma Carta a Gilson

Meu querido primo Gilson, sei que, antes da publicação deste livro, você terá lido estas palavras. E neste exato momento, sei que estará em Itapetinga.

Vô Josa nos fazia parar de vez em quando, sair de nós mesmos e permanecer em silêncio diante do Universo. Fazia-nos reconhecer a nossa pequenez diante do Criador. Do seu jeito simples, ele nos ensinava a controlar as emoções e a equilibrar a nossa frequência. Tinha um respeito profundo pela criação e pelas criaturas; para ele, estávamos todos intimamente conectados.

Convido-o, neste momento, a voltar à sua Passárgada. Ajoelhe-se com o corpo e com a alma diante da paisagem, assim como Jesus subia ao monte para orar. Lembre-se de quando você subia a serra para buscar o gado nos pastos verdejantes, percorrendo as lindas veredas traçadas pelo pisoteio dos animais.

Simplesmente feche os olhos e sinta a natureza ao seu redor. Não pense, não peça e não agradeça por nada; apenas sinta o universo. Apenas viva o amor calado que nos envolve. Nesses instantes de pura conexão, algumas lágrimas inesperadas — que não são de alegria, nem de tristeza — podem jorrar. Não se surpreenda, pois isso é um dom. Essas lágrimas estão lavando a sua alma.

Você chegou a Passárgada.

Ao Som da Saudade e da Poesia de Isaac Felício:

*Na raiz de Zé Camilo,
A família se criou,
Com a força e a semente*

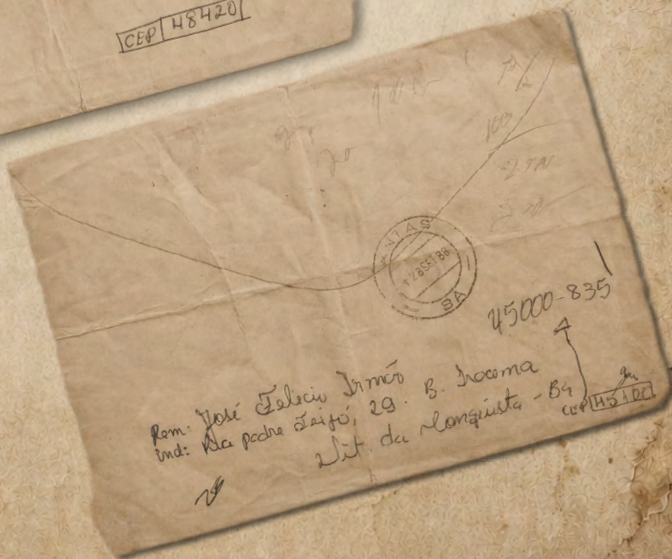
Que o Vô Josa replantou.
Um legado de respeito
Que o tempo não apagou.
Gilson traz na sua alma
O dom puro de cantar,
Fez do palco a poesia
Para o povo se alegrar.
Na sua doce Passárgada,
Ele é o rei do seu lugar.
Lembra a casa de farinha,
E o mel de mandaçaia,
O gado subindo a serra,
Onde o vento não ensaia.
A saudade bate forte,
Mas no peito não desmaia.
Feche os olhos, meu poeta,
Deixe a lágrima rolar,
É a alma a ser lavada
Nesse seu silenciar.
No abraço do Universo,
A trova não vai calar!
No dia 17 de março, feliz e contente, ele as recebeu e assim me respondeu:
Sua mãe me enganou
Sobre sua formação!
És poeta, versos brotou!
Na palma da sua mão
Agora tô lascado
Meu verso engasgado
Não consegue dar um grito

Por isso tô aflito
Faltando verso e prosa
Para saudar
O poeta
Por sinal, neto de tio Josa!!

Quando meus filhos crescerem, farei questão de levá-los a estes encontros. Eles precisam saber que o sangue em suas veias foi purificado na estrada, na partilha do pão e plantado pelas mãos de conciliadores como o seu bisavô.

CAPÍTULO XI

O enigma do nome e a força do sangue: os dois Josés



*H*á mistérios nas raízes de uma família que só o tempo e as boas conversas conseguem desvendar. Durante muito tempo, a origem e a força do nosso sobrenome pareciam óbvias, até que um questionamento de Miguel lançou luz sobre um dos atos de amor mais bonitos da nossa árvore genealógica.

Miguel observou com precisão cirúrgica: a verdadeira origem do nome “Felício” não vinha do patriarca Zé Camilo, mas sim da sua primeira esposa, a jovem Prima Felício da Silva. Portanto, os únicos herdeiros genéticos do sobrenome eram os primogênitos Josa e Firmo.

Contudo, ao formar sua nova família com Mãe Zila, Zé Camilo tomou uma decisão que desafiava o costume da época: ele registrou todos os filhos do segundo casamento também com o sobrenome Felício. Não houve um “enxerto” malfeito; Zé Camilo garantiu que todos os dezesseis irmãos carregassem a mesma identidade.

O Irmão Gêmeo de Nome

Dentro dessa imensa estrutura familiar, Josa tinha um companheiro inseparável, um irmão de alma e sangue que a história fez questão de unir até no nome: Juquinha. O laço entre Zé Camilo e o nome do seu primogênito era tão forte que, ao ter outro menino, ele o batizou com a exata mesma graça. Juquinha era, oficialmente, José Felício da Silva. Para os distinguir, o caçula passou a assinar como José Felício Irmão.

Eles dividiam a vida, as preocupações e o cuidado com a base da família. A prova cabal dessa parceria atravessou o tempo em uma carta de 1989. O remetente era José Felício Irmão; o destinatário, José Felício da Silva.

"Vitória da Conquista, 25 de setembro de 1989.

Compadre Josa,

Como vai a saúde e a família? [...] Compadre, com relação à viagem de mãe, se por acaso tiver alguma dificuldade dela ficar com Tonho, peço-lhe que, se possível, você se encarregue de trazê-la e aproveite para passar uns dias conosco. [...] Assim você aproveita e vem ao médico; ele disse que é possível fazer a operação plástica da hérnia...

Finalizo enviando um forte abraço do irmão que muito te estima,

Juquinha."

Ao ler essas linhas, a engenharia do afeto fica nítida. Juquinha trata Josa por "Compadre". Ele pede que Josa traga a "mãe" — Mãe Zila, que era mãe de sangue de Juquinha e madrastra de Josa, mas que no coração de ambos ocupava o mesmíssimo altar sagrado. Os dois Josés, unidos pelo nome, pelo sangue e pelo sobrenome emprestado de uma mãe que partiu cedo, são o maior símbolo de união que as nossas famílias já produziram.

CAPÍTULO XIII

A casa Felício da Silva: de pó e amor

*O sangue garante a raiz, mas é a força da nossa
união, em um eterno mutirão, que serve como a
escora definitiva para que a história, construída
sobre o pó e o amor, nunca desmorone.*



*D*izem os antigos que a “cumeeira” é a viga central que sustenta o telhado. Se ela cede, a casa vem abaixo. Em 2012, sentimos nossa grande cumeeira ceder. Mas Josa já nos preparava para sermos as novas estruturas.

Para quem não tem os olhos treinados na velha carpintaria, é preciso voltar no tempo e traduzir a linguagem rústica daquela época para compreender a verdadeira magnitude da nossa fundação. Naqueles tempos passados, erguer uma morada não era um ato de montagem rápida; era um parto arrancado das entranhas da caatinga. O processo começava no mato denso, no suor do rosto e na força do braço, onde a madeira era escolhida a dedo e derrubada a duros golpes de machado.

Mas a labuta não dependia apenas da força bruta; exigia a sabedoria ancestral de ler os céus. Para retirar a madeira, havia o tempo exato e a lua certa. O cedro, assim como outras madeiras de lei da nossa região, era tinoxoso. Se o machado cantasse fora do compasso, se a árvore fosse tombada na lua errada, a madeira castigava o construtor: ela estourava, rachava de fora a fora e, em pouco tempo, dava bicho, apodrecendo de dentro para fora. Os antigos matutos, com os olhos voltados para o firmamento, não haviam frequentado as escolas de botânica para entender os conceitos fisiológicos de seiva bruta e seiva elaborada. Eles não conheciam a química das plantas, mas carregavam uma sabedoria instintiva e sagrada: compreendiam os ciclos invisíveis da água dentro do tronco e sabiam que, para erguer uma estrutura que resistisse às gerações, era estritamente

necessário respeitar os tempos de espera. A natureza, assim como as grandes obras de Deus, não aceita pressa.

Após o tempo de espera da madeira sangrar e secar, iniciava-se a lapidação. Não havia serrarias ou máquinas elétricas. Cada tora abatida na lua certa precisava ser minuciosamente lavrada à mão, desbastada a golpe de enxó e machado, sob o sol a pino, até que o tronco bruto perdesse as cascas, as arestas e ganhasse a forma reta, lisa e honrada de uma viga de respeito.

A feitura da casa não era um trabalho solitário; era um rito sagrado de cooperativismo e irmandade. A família, os compadres e os vizinhos se uniam no mutirão, porque ninguém vence o sertão sozinho. Como não existia o milagre moderno do cimento, o alicerce precisava ser inabalável, cravado no fundo da terra e erguido pedra sobre pedra, encaixadas com a precisão de quem constrói para a eternidade.

As paredes nasciam do próprio chão que pisavam: o barro da região era extraído, amassado com os pés e batido em formas de madeira. Homens e mulheres moldavam os tijolos que depois eram levados ao forno e assados ao calor ardente do fogo, até ganharem a cor vermelha e a resistência contra as tempestades. Para caminhar por dentro dessa fortaleza erguida de pó e fogo, o chão era forrado com a dignidade fresca e desenhada do ladrilho. E para guardar a entrada, as portas que se abririam para receber os filhos e a fartura eram majestosamente entalhadas naquele mesmo cedro cortado na lua certa, perfumando os cômodos da casa.

A escolha da madeira para o telhado era uma verdadeira ciência da natureza. Um teto construído com tanto sacrifício não é apenas um amontoado de telhas para aparar a chuva; é um sistema vivo, uma engrenagem de confiança absoluta onde cada peça entrega o seu peso à peça vizinha:

- **A Cumeeira:** É a viga central, a peça mais alta, majestosa e solitária de toda a casa. Ela é a espinha dorsal que corta o teto de ponta a ponta. A cumeeira recebia o primeiro impacto do sol e o primeiro açoite da chuva, e por isso exigia a dureza invencível da aroeira — uma madeira nobre que desafia os séculos e não se curva ao tempo ou à fraqueza.
- **As Terças:** São as grossas vigas horizontais que correm paralelas à cumeeira. Elas funcionam como os «ombros» fortes da casa. A cumeeira de aroeira não carregava o fardo sozinha; ela transferia e dividia esse peso com as terças, que abraçavam a estrutura e davam estabilidade ao conjunto, amarrando as paredes de tijolo cozido.
- **Os Caibros:** São as madeiras inclinadas que descem da cumeeira, apoiam-se firmemente sobre as terças e seguem até a beirada da casa. Eles são os «braços estendidos» da obra, responsáveis por dar o caimento perfeito, garantindo que a água escorra rápida para longe dos alicerces de pedra.
- **As Ripas:** São as madeiras mais finas e numerosas, pregadas horizontalmente sobre os caibros. Nos tempos mais áridos, elas eram tiradas até mesmo da madeira

rústica do faixeiro, mostrando que o sertanejo aproveitava cada recurso. Elas formam a malha, os “dedos entrelaçados” da obra, com a missão delicada de travar toda a estrutura e servir de cama para segurar, uma a uma, as pesadas telhas de barro.

E aqui reside o maior e mais profundo segredo dos antigos mestres de obra, a lição entalhada no cerne da Casa Felício da Silva: mesmo que a grande cumeeira caia, não quer dizer que a casa virá abaixo.

A madeira lavrada à mão, respeitada no seu tempo e cortada na lua exata, é um elemento que respira. Antes de ruir, ela conversa com quem habita o lar. Ela range nos dias de vento forte, ela estala nas madrugadas frias, ela encurva lentamente e dá os seus avisos sonoros. Quando a morte tentou desalinhar o nosso teto e a nossa grande cumeeira física cedeu pelo peso implacável dos anos, a estrutura gemeu de saudade, mas o nosso abrigo não desmoronou.

Isso acontece porque o projeto divino do Criador — que nós chamamos de Família — não é uma obra estática abandonada no tempo. Quando a viga principal cumpre o seu ciclo e retorna ao pó, os construtores que ficaram percebem os sinais. A própria linhagem, forjada e educada debaixo daquele mesmo teto de cedro, aroeira e faixeiro, ergue-se rapidamente para ser o reforço.

A queda da cumeeira é o chamado supremo para a continuidade. Nós nos transformamos em escoras, assumimos

o peso nas terças, alinhamos os caibros fadigados e multiplicamos as ripas. A Casa Felício da Silva permanece de pé, resistente a qualquer ventania, porque nós somos os novos reparadores dessa engenharia do afeto. O sangue garante a raiz, mas é a força da nossa união, em um eterno mutirão, que serve como a escora definitiva para que a história, construída sobre o pó e o amor, nunca desmorone.



E por falar na dureza irredutível da aroeira, é impossível não deixar um sorriso frouxo escapar ao lembrar da sabedoria popular que ecoava pelo sertão. A nossa cumeeira precisava ser de aroeira justamente por ser um pau pesado e duro de quebrar, mas a velha cantiga do *ABC do Preguiçoso* já alertava sobre o perigo dessa madeira nas mãos erradas. A música contava a sina da mulher valente que mandava o homem caçar:

*“Marido, se alevanta e vai armá um mundé
Prá pegá uma paca gorda prá nós cumê um sara-
patê”*

E o matuto, com aquela malandragem mansa de quem quer fugir do batente, respondia logo com a desculpa perfeita, medindo o tamanho do perigo de lidar com aquela madeira:

*“Aroeira é pau pesado, num é, minha véia?
Cai e machuca meu pé e ai d’eu sodade!”*

Realmente, a aroeira é uma madeira densa que não aceita preguiça; se o mundé desarmar em cima do pé, o estrago é grande e é “adeus, saudades” mesmo! Josa, com as costas largas e as mãos grossas, conhecia muito bem o peso de cada tora. Ele não usava a aroeira para armar arapuca e fugir do serviço; ele a erguia nos ombros, suportando todo o peso do mundo, para garantir que o nosso telhado estivesse seguro. A saudade que ele nos deixou, afinal, é assim: pesada, forte e inquebrável, tal qual a madeira que ele escolheu para nos abrigar.

EPÍLOGO

A coragem da palavra: o jardim da saudade

Velho, meu querido velho...
Sua figura é cansada, pela idade foi vencido,
mas caminha sua estrada...



A Energia do Avohai: O Fim da Lonjura

No embalo nostálgico e cortante da canção *Mi Viejo*, na voz de Altamar Dutra, escrevo as minhas últimas linhas. A melodia preenche o ambiente e parece desenhar a silhueta dele na minha frente: *“Velho, meu querido velho... / Sua figura é cansada, pela idade foi vencido, mas caminha sua estrada...”*

O que eu tiro de lição de toda essa história vivida, cavoucada das raízes do tempo? Aprendi, observando as mãos calejadas dele, que amar é uma decisão absoluta, não um mero sentimento passivo que nos toma de assalto. Amar é, na sua essência mais pura, um exercício diário de jardinagem. É preciso ter a coragem de arrancar o que faz mal, preparar pacientemente o terreno do coração e semear a compreensão. Haverá pragas. Haverá secas terríveis que testarão a resistência da raiz. Mas a regra de ouro do jardineiro fiel é uma só: não abandone o seu jardim. Simplesmente, ame.

Convido você, leitor, a dar um passo além do visível e adentrar comigo numa reflexão onde a ciência e a fé se abraçam. Pense na composição do universo, na matéria e na energia. Na sua base mais fundamental, nós somos feitos de poeira de estrelas. Um átomo de hidrogênio, por exemplo, não é apenas um pedaço de matéria inerte; ele possui uma carga, uma energia intrínseca que vibra. Trilhões desses átomos se unem em ligações químicas para formar moléculas, que formam células, que constroem os nossos órgãos, o nosso sangue e o nosso ser. Toda a nossa existência é mantida pelo milagre incessante da energia das ligações bioquímicas.

Se somos movidos por correntes elétricas no cérebro e batimentos impulsionados pelo coração, logo, nós somos seres emissores de energia. E onde há reações de troca e energia em movimento, gera-se um campo eletromagnético. Cada um de nós caminha por este mundo envolto em uma assinatura invisível e energética, afetando as pessoas e o ambiente ao nosso redor.

Nessa lógica perfeita do universo, o que seria a morte? Para os leigos, é o fim. Mas sob a ótica poética da física, a morte nada mais é do que um desequilíbrio termodinâmico, uma quebra irreversível dessas pontes bioquímicas. É o momento exato em que o corpo físico, já incapaz de sustentar as suas reações, “descarrega” a sua matéria de volta para a terra — do pó viemos, ao pó retornamos. Contudo, a Primeira Lei da Termodinâmica nos garante que a energia não pode ser destruída. O campo eletromagnético que aquela pessoa gerou por toda a vida, o seu amor, a sua essência, não desaparece no escuro. Essa energia se solta no ar, funde-se ao ciclo da vida e permanece ecoando no universo. O corpo descarrega na terra, mas a energia do ser amado fica. Ela fica impregnada na casa, nos ensinamentos, na saudade e, principalmente, em nós.

Houve momentos, durante a escrita deste livro, em que a minha coragem fraquejou. O peso do silêncio quase venceu, mas a energia que ele deixou no ar alcançou o meu espírito, e a sua frase célebre ecoou com clareza na minha mente: *“Se quer ser lembrado quando morrer, escreva coisas que valen a pena ler”*.

Então, eu escrevi. Escrevi sobre o homem que me instruiu a ponderar antes de falar, o patriarca que soube entender, antes de qualquer um de nós, que o trem da vida não tem estação de espera.

Ao olhar agora para a nossa velha fotografia, onde ele ostenta, majestoso, o seu inseparável chapéu de abas, a minha saudade deixa de ser lamento e vira verso:



Nesta foto, com carinho e fé,
Lembro do homem que me guiou,
Um grande exemplo que ele é,
O amor que nunca se apagou.
Para ele eu tiro o chapéu,
E hoje no reino dos céus,
Meu poeta descansa,
Em paz com os anjos e Deus.

Encerro esta jornada embalado por outra melodia imortal, os acordes de *Naquela Mesa*, de Nelson Gonçalves. “*Naquela mesa, tá faltando ele... E a saudade dele tá doendo em mim*”.

A saudade sempre vai doer, pois ela é o preço que pagamos por termos vivido um grande amor. Mas com estas páginas, a lonjura foi, enfim, encurtada. O amor e a honra do meu Avohai, Josa de Zé Camilo, provaram que não pertencem ao passado. Eles são energia viva. Eles são o chão fértil e sagrado onde nós, a sua semente, continuaremos a plantar e a colher a nossa história, para todo o sempre.

POSFÁCIO

O Código Genético da Memória: a ciência confirma a tradição

A história contada De Pô, Sangue e Palavra não é uma lenda familiar. Ela é, diante de Deus e dos homens, irrefutável.



*A*o longo de toda a minha vida, ouvi as histórias da minha família com a reverência de quem escuta um verdadeiro evangelho sertanejo. A velha penteadeira, as cartas amareladas do Vô Josa, as lembranças de Mãe Deta sobre a nossa origem Kiriri e as memórias sobre o Dr. Teles de Meireles e o «sangue suíço» não eram apenas causos contados em roda de conversa; eles eram o meu maior patrimônio. No entanto, vivendo em uma era guiada pela ciência, pelo cálculo e pela tecnologia, decidi dar um passo além: eu quis ler o livro mais antigo de todos, aquele que está escrito dentro de mim.

Realizei um teste de ancestralidade genética. Quando os resultados finalmente chegaram e o gráfico carregou na tela, foi como se o Vô Josa, a Vó Rosa, o bisavô Zé Camilo e a bela bisavó Prima estivessem todos ali, em pé ao meu lado, sorrindo para mim através do computador. A ciência, com toda a sua frieza e precisão matemática, curvou-se humildemente diante da tradição oral da nossa família.

O meu mapa genético revelou que eu sou a prova viva e pulsante do encontro de continentes. Trago em mim **82%** de ancestralidade europeia, fortemente fincada na Ibéria (**44%**) e na Itália (**29%**, incluindo o Norte e o Centro-Sul), com traços da Fenoscândia (**6%**) e do povo Basco. É a confirmação biológica da travessia do Velho Mundo para o Novo. É o eco inegável e documentado do português Teles de Meireles e daquele casal oriundo das frias montanhas europeias que o meu avô tanto mencionava no alpendre da Fazenda Mari.

Mas confesso que o que mais me paralisou e emocionou foi ver, cravado no meu DNA, os **4%** de ancestralidade originária das Américas. Aquela índia Kiriri da região de Mirandela, a ancestral da minha bisavó Prima, que no passado foi arrancada de sua aldeia de forma tão violenta e covarde, deixou uma assinatura indestrutível na minha biologia. Eles tentaram apagar a sua tribo, o seu canto e a sua história, mas ela sobreviveu. Ela sobreviveu no sangue de Prima, que passou para Josa, que passou para Normeide, até desaguar em mim. Eu sou, geneticamente, parte viva e resistente daquela aldeia.

Completando esse mosaico formidável de humanidade, carrego **11%** do Oriente Médio e Magrebe, e **3%** de ancestralidade Africana, refletidos no meu haplogrupo materno profundo (**L0a**). Uma lembrança ancestral de que fomos forjados no grande e sagrado caldeirão cultural que é o nordeste brasileiro. Pelo lado paterno, o haplogrupo **R1b** sela de forma definitiva a minha raiz na Europa Ocidental.

Sempre acreditei no poder da palavra, pois meu avô Josa me ensinou a reverenciá-la. Mas hoje, a biologia me provou que a palavra não fica apenas no papel guardado na gaveta da penteadeira. Ela fica gravada no código genético, transitando de geração em geração.

A Bíblia nos ensina que a força de um povo jamais se apaga quando a sua memória e a sua linhagem são cultivadas. No livro de Gênesis (17:7), Deus sela uma promessa de perpetuidade: *“Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua*

descendência no decurso das suas gerações...”. O sagrado sempre reverenciou a continuidade do sangue como a maior das vitórias terrenas. Vemos no livro de Jó (42:16) que, após ser moído pela dor e pela perda, o Senhor lhe restituiu a vida em sua plenitude para que ele visse *“seus filhos, e os filhos de seus filhos, até a quarta geração”*. A nossa quarta geração está aqui, lendo e escrevendo a prova de que a promessa de sobrevivência foi cumprida.

No compasso e na poesia do nosso sertão, essa verdade divina ganha ainda mais força:

*A semente que cai na pedra
Pode até secar na dor,
Mas a raiz que Deus aponta
Não morre, nem perde a cor.
O nosso sangue é um rio
Que corta o tempo calado,
Trazendo o índio Kiriri,
O suíço e o pardo.
O que o tempo tentou sumir,
A veia guardou no fundo.
O que o velho disse na roça,
A ciência gritou pro mundo.*

Nós somos, sem tirar nem pôr, exatamente aquilo que os nossos antepassados disseram que éramos. O sangue guerreiro Kiriri, a fibra desbravadora ibérica e alpina, a matriz resistente africana e, amarrando tudo isso, um inabalável coração sertanejo.

Olho para o meu próprio filho, ciente de toda a carga que corre em suas veias, e sinto uma paz profunda. A história contada *De Pó, Sangue e Palavra* não é uma lenda familiar. Ela é, diante de Deus e dos homens, irrefutável.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é a memória do coração, e o meu transborda ao olhar para tudo o que foi plantado e colhido até aqui.

Meu primeiro e mais profundo agradecimento dirige-se a Deus, o Grande Arquiteto da vida e o semeador de todos os destinos. A Ele rendo graças, de modo muito especial, por ter me concedido o imenso privilégio de conhecer e habitar um verdadeiro pedaço do céu aqui na Terra, um lugar sagrado de luz e trabalho que nós chamamos de Fazenda Mari. Foi nesse chão abençoado que a nossa semente brotou e encontrou água para crescer.

Agradeço ao Senhor por me presentear com uma família rica em diversidades. Cada rosto, cada personalidade, cada dor superada e cada alegria compartilhada entre as gerações formam o alicerce perfeito da nossa existência. Compreendi que a nossa maior riqueza não se guarda em cofres; ela vive na pluralidade e na união de quem somos.

Por fim, agradeço ao Pai pela dádiva do tempo. Sou profundamente grato pela oportunidade de viver intensamente os meus dias ao lado dos que amo e, sobretudo, por ter recebido a missão e a inspiração para escrever a nossa história. Colocar essas memórias no papel foi a forma que encontrei de agradecer pela vida que me foi dada.

E, para selar este preito de gratidão e fé, deixo o meu coração falar em forma de trova:

*A Deus eu rendo a mais sublime glória,
Pela Fazenda Mari, o meu céu particular,
Pela família diversa e nossa história,
Que tive a honra de viver e registrar.*

Secretaria Brazileiro
Este Livrinho Pertence
ao Snr. José Felicio da Silva.